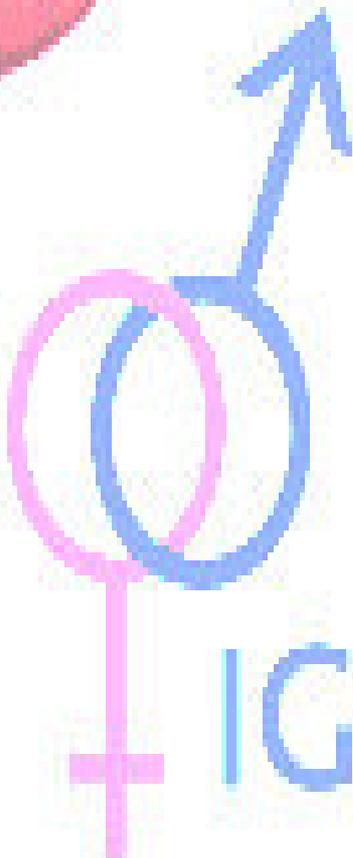




UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

EILANE SILVA COSTA

**CONTINUIDADES E RUPTURAS:
um olhar sobre a mulher de São Bernardo-MA (1928-2000)**



IGUALDADE

São Bernardo-MA

2014

EILANE SILVA COSTA

**CONTINUIDADES E RUPTURAS:
um olhar sobre a mulher de São Bernardo-MA (1928-2000)**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, como requisito para obtenção do grau de Licenciado.

Orientadora: Prof^a Dr^a Alina Silva Sousa de Miranda

São Bernardo-MA
2014

EILANE SILVA COSTA

**CONTINUIDADES E RUPTURAS:
um olhar sobre a mulher de São Bernardo-MA (1928-2000)**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do grau de Licenciado.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Alina Silva Sousa de Miranda

Doutora em História Social

Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo-MA

Prof. Fernanda Rodrigues Galve

Doutora em História

Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo-MA

Prof. Gladys Maria Rosa Saraiva Soares

Especialista em Sociologia

Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo-MA

Prof. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior

Doutor em Sociologia

Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo-MA

Dedico este trabalho à Deus dono de tudo.
Ao meu filho João Neto e ao meu esposo amado, pela cumplicidade, companheirismo e compreensão com minhas desculpas por tantas horas roubadas de seus convívios. Aos meus pais pelo exemplo, paciência e fé a mim dedicada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu a vida, e com ela a riqueza dos seus dons, tais como: a inteligência e a sensibilidade, sem os quais este trabalho não seria possível; propiciou força e sabedoria para que eu insistisse na luta, mesmo diante de tantas dificuldades. Obrigada Pai por reservar esse momento para mim. A honra é tua!!

É na hora dos agradecimentos que nos damos conta de que um trabalho, aparentemente solitário, é fruto do apoio e colaboração de várias pessoas. O sabor da vitória só tem sentido se pudermos compartilhá-la com aqueles que nos ajudaram na caminhada.

À minha família querida: meu pai João Batista e minha mãe Maria de Lourdes, que me ensinaram valores e virtudes, como: ética, companheirismo, comprometimento social e coragem, fazendo-me acreditar que os estudos seria a grande herança que eles deixariam para mim. Também ao meu irmão Wellison, pela compreensão em ficar com o João Neto quando necessário.

Ao meu amado filho João Neto, pela compreensão da minha ausência; era um bebê quando ingressei na Universidade, obrigando-me a ausentar-me à noite. Te amo filhão, e obrigada por acreditar no meu trabalho, incentivando-me nas horas difíceis.

Ao meu eterno companheiro e esposo Júnior, pelo amor que me fortalece a cada dia, me incentivando e me apoiando para lutar pela realização dos meus sonhos; obrigada por acreditar em mim e peço-lhe desculpas pelas muitas ausências e planos desfeitos; este trabalho é fruto de muitas renúncias e você faz parte dessa conquista. A você o meu amor e a minha dedicação sempre.

Agradeço também à minha querida Gi, por cuidar do meu filho como se fosse seu. Sou eternamente grata por sempre entender e propiciar momentos de silêncio e paz quando necessário.

À Prof. Dr. Alina Miranda, minha orientadora, que, com sua sabedoria, paciência e sensibilidade, soube valorizar o desejo de uma orientanda, ensinando-me que o processo de construção do saber se faz na cotidianidade do fazer, e que a escrita é um trabalho solitário. A você que demonstrou que afeto e competência estão intrinsecamente ligados ao processo de aprendizagem e de criatividade, agradeço por ter tido a oportunidade de caminhar ao seu lado. Obrigada!

Agradeço à Prof. Dra. Fernanda Galve, Prof. Esp. Gladys Soares e Prof. Dr. Clodomir Júnior por prontamente aceitar o convite de examinar este trabalho, sobretudo, por contribuir de forma positiva.

No meio do caminho existem degraus; é nesses momentos que encontramos pessoas dispostas a nos ajudar. Sou imensamente grata à Prof. Karine Martins, por acreditar na conclusão desse trabalho, por me fazer sentir que podia ir além; seu apoio, disponibilidade e palavras de incentivo foram de fundamental importância para a finalização da pesquisa.

Agradeço ao Prof. Wandelson Miranda; sua ajuda inicial foi de extrema importância para o amadurecimento desse trabalho; Obrigada pelo incentivo.

Agradeço à Prof. Carol pela sua forma singular e contagiante ao ensinar, permitindo florescer meu interesse pela pesquisa social.

Agradeço aos amigos de seminário e parceiros de resumos: Dulce (sempre trazendo alegria); Keliane (com sua ousadia e motivação); Ronilson (amigo de todas as horas, sempre disponível; sou muito grata); Marta (com sua seriedade e competência). Foi uma longa jornada; somos mais que vencedores; fica a saudade e o respeito por cada um de vocês.

A todos aqueles que direta ou indiretamente acompanharam o desenvolvimento deste trabalho e torceram pelo seu êxito.

Agradeço em especial às mulheres entrevistadas, fator que permitiu a realização da pesquisa; agradeço a todos que, por ventura, não tenham sido aqui citados; sou grata aos amigos da turma de Ciências Humanas 2010, Campus São Bernardo-MA, que sempre me incentivaram e me apoiaram, quando, às vezes, num momento de desânimo achava que não iria conseguir concluir este trabalho.

A todo o corpo docente, obrigada! Foi um privilégio aprender com vocês Mestres.

No imaginário social firmam-se, contudo, crenças sociais que prescrevem mulheres, os trabalhos de menor visibilidade social, de maior suportabilidade aos ritmos repetitivos e velozes e de maior precisão motora. Suas mãos são instrumentos domados para a paciência, seu corpo tornou-se domesticado pelas exigências do outro/masculino, sua mente é fraca, enquanto é forte e grandioso seu coração. Paciência, persistência e obediência, aliadas a um coração capaz de suportar ser emudecido, essas são algumas das possíveis ideias que fundamentam a dominação e exploração das mulheres.

Claúdia Fonseca

RESUMO

O presente estudo está pautado em uma metodologia narrativo-argumentativa, buscando mostrar o perfil, as vivências e a experiência feminina na cidade de São Bernardo-MA. Foi analisada a percepção da mulher na sociedade contemporânea num corte cronológico de 86 anos, incluindo analisar os sentidos e as alterações na experiência feminina, com ênfase na família, no casamento, na maternidade e na sua presença no mercado de trabalho do município. As mulheres conquistaram direitos a favor delas, no que diz respeito a sua independência no cenário mundial. Em São Bernardo a realidade é diferente do que apresenta os grandes centros urbanos; no que se refere à independência, a mulher tem menor probabilidade em adquirir. A cidade não dispõe de recursos públicos que possibilite o aparecimento no trabalho, fator que permite a mulher segurança e instabilidade financeira. Essa desigualdade está vinculada também com a falta de educação e orientação sobre o casamento; o resultado é gravidez na adolescência e casamentos precoce. Cedo as mulheres casam e abandonam os estudos, passando a depender exclusivamente do marido, vivendo em condição precária. De outro lado, há as que trabalham fora, para ajudar no sustento da casa, desempenham qualquer atividade, sofrendo humilhações, pois seus direitos trabalhistas não são reconhecidos. Por esses motivos, é necessário problematizar a questão de gênero, iniciando um espaço de debate que promova a experiência feminina para além da submissão. A partir das entrevistas com as mulheres de São Bernardo, pode-se compreender que as mudanças no âmbito social, fazem parte de um processo dinâmico, porém lento, visto que, é a partir dessas mudanças que as identidades vão sendo redefinidas. Faz-se urgente a criação de políticas públicas voltadas para o enfrentamento da desigualdade de gênero na cidade de São Bernardo-MA.

Palavras-chaves: Mulheres. Família. Realidade. Desigualdade. Gênero. Enfrentamento.

ABSTRACT

This study is guided in a narrative-argumentative approach, seeking to show the profile, livings and the female experience in the city of São Bernardo-MA. The perception of women in contemporary society was analyzed in a chronological cut of 86 years, including analyzing the senses and changes in women's experience with an emphasis in family, marriage, motherhood and labor market in the presence of women in the municipality. Women gained rights in favor of them, as regards its independence on the world stage. In São Bernardo reality is different than presenting the major urban centers, with regard to independence, women are less likely to acquire, because, according to the women interviewed the city has no public resources that enable the emergence of women at work, this factor that allows the woman security and financial instability. This inequality is also linked to the lack of education and lack of guidance on the marriage, the result is teenage pregnancy, women marry early and drop out, going to rely solely on her husband, living in precarious condition. On the other hand, there are those who work outside, to help support the house women perform any activity, suffering humiliation because their labor rights are not recognized. For these reasons, it is necessary to discuss the issue of gender, initiating a debate space that promotes women's experience beyond the submission. From the interviews with the women of St. Bernard, we understand that changes in the social context, are part of a dynamic process, though slow, since it is from these changes that identities are being redefined. It is urgent to set up aimed at tackling gender inequality in São Bernardo-MA.

Keywords: Women. Family. Reality. Inequality. Gender. Coping

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 GÊNERO E HISTORIOGRAFIA	12
1.1 Feminismo e estudos historiográficos	22
2 HISTÓRIA ORAL E CARACTERÍSTICAS DO PERFIL DA MULHER ATUAL	27
2.1 Um breve histórico do município de São Bernardo-MA	36
3 EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO FEMININO EM SÃO BERNARDO-MA	40
3.1 Percurso metodológico	40
3.2 A voz da mulher do município de São Bernardo-MA	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE	65

INTRODUÇÃO

O surgimento do movimento feminista afetou os papéis sociais das mulheres que eram restritos à esfera privada, tais como: filha, esposa, mãe, ou, timidamente desempenhados na esfera pública, na condição de educadoras. Em paralelo à revolução feminina, aconteceram outros avanços, como o da tecnologia, da ciência, e a globalização, considerados marcos da época denominada como pós-modernidade, exigindo e permitindo a entrada da mulher no mercado de trabalho (ALVES; PITANGUY, 2003).

A publicação de trabalhos sobre a mulher no Brasil com Mary Del Priore (2011) e Eni de Mesquita Samara (2004) revela a pertinência do tema e a necessidade em superar a lacuna e o esquecimento a que estavam relegadas as mulheres, na história do mundo ocidental e do Brasil.

A pesquisa de Silvia Talsatici (2000), referente a depoimentos orais de mulheres durante a guerra no Kosovo traz à tona a voz de mulheres, mostrando as consequências da guerra através dos relatos femininos. Essa pesquisa nos inspirou para a realização desse trabalho, os relatos femininos das mulheres de São Bernardo-MA foram usados para analisar o perfil das mesmas.

O presente trabalho tem por objetivo promover a reflexão sobre a mulher no século XXI, sua identidade, papéis sociais e emoções. As diversas mudanças promovidas ao longo da década de 1920 e 1980 passaram a delinear uma postura diferente da mulher diante da sociedade. Procurou-se analisar em que circunstâncias essa mudança, a qual a mídia explana, a mulher alcançou, e se chegou de fato na vida dessas mulheres, e mais especificamente, se o grupo de mulheres entrevistadas entende essa dinâmica, no intuito de compreender como se deu a construção da identidade da mulher na atualidade, com base na fala dos sujeitos pesquisados.

Verificou-se que a identidade é muito mais complexa, possui vários registros, expressando-se de forma dinâmica nas relações interpessoais, na maternidade e na profissão. Foi refletido e analisado como a mulher vem se posicionando, de um modo geral, destacando alguns dos seus anseios e conflitos. Temas como casamentos, trabalho, família, relacionamentos e as contradições geradas a partir das novas situações, presentes na vida das mulheres, foram discutidas.

Realizou-se uma pesquisa comparativa acerca da mudança de comportamento das mulheres de hoje em relação às mulheres da década de 1920 do século XX. Em alguns casos pode-se concluir que há permanências. É sugerido o desenvolvimento de mais pesquisas, com

o objetivo de traçar o perfil da mulher deste século, tentando identificar os impactos na postura delas diante do mundo, decorrentes das transformações constatadas por elas próprias.

Também se faz necessário um arquivo público em São Bernardo, onde fique guardada suas memórias, possibilitando o auto reconhecimento das mulheres como sujeito ativo e presente da sociedade.

Assim a pesquisa está disposta em três capítulos: O primeiro faz uma abordagem geral entre gênero e historiografia, alguns significados de gênero também foram trabalhados incluindo as formas que a história tem descrito as mulheres e as generalizando como submissas e frágeis, aborda também sobre os avanços e direitos alcançados pelas mulheres atualmente, e traz uma discussão acerca do feminismo no Brasil.

Já no segundo capítulo é feito um percurso metodológico sobre a história oral e sua importância para desenvolvimento de pesquisas desenvolvidas no campo das mulheres, possui um subitem, informando a localização de São Bernardo-MA e caracterização da cidade, visando ambientar o leitor ao campo de pesquisa.

Por fim, no terceiro capítulo explanou-se particularmente sobre a pesquisa de campo. Demonstrou-se como a pesquisa oral sobre a mulher abriu espaço para pensar a realização desse trabalho. O terceiro capítulo é o resultado dos dados encontrados com exploração das fontes, a obtenção as falas das depoentes, obtidas na entrevista realizada, ressaltando a subjetividade de cada uma delas.

Nas considerações finais destacou-se os pontos e os contrapontos do debate, apontando para a necessária articulação e criação de políticas públicas voltadas para o enfrentamento da desigualdade de gênero, que envolve a luta de reconhecimento do direito das mulheres, e, sobretudo a criação das condições necessárias que permitam o crescimento e o desenvolvimento do homem e da mulher na cidade de São Bernardo-MA.

1 GÊNERO E HISTORIOGRAFIA

É legítimo iniciar a reflexão debatendo-se de que forma as mulheres são tratadas sob o termo de gênero, e como o termo gênero¹ tornou-se um conceito útil para se pensar as diferenças construídas socialmente, a partir da diferença do sexo, buscando-se compreender as relações estabelecidas entre homens e mulheres, incluindo papéis que cada um assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles. Aparentemente, a palavra gênero foi utilizada pela primeira vez num sentido próximo do atual pelo biólogo estadunidense Jonh Money, em 1955, precisamente para dar conta dos aspectos do sexo. Antes disso, “a palavra gênero, em inglês significa, tal como em português, estava restrita à gramática, para designar o sexo dos substantivos, posteriormente sua definição foi se tornando crescentemente sofisticada” (SILVA, 2011, p. 91).

Gênero tem vários significados; pode ser utilizado para diferentes atribuições em diferentes campos do conhecimento, o que permite interpretá-lo como conceito e categoria de análise. Tal construção pode ser utilizada para instituir valores e distinções no reino humano, no reino vegetal e animal.

Enquanto o vocábulo gênero pode significar para as ciências naturais: espécie, grupo de coisas, plantas, animais, artigo, matéria, coisa que se usa ou se consome; para as ciências humanas e sociais, refere-se à elaboração cultural das noções de masculinidade e feminilidade, aquilo que se diz a partir das diferenças sexuais.

É imprescindível ressaltar que gênero, em qualquer área de conhecimento, constitui os predicados ou características que uma coisa tem em comum com a outra. Gênero produz significados múltiplos, pois gênero é espécie e várias espécies constituem um gênero, mas pode-se afirmar também que neste campo nada pode ser definido precisamente e que apenas compara-se por aproximação. Isto ocorre desde a comparação feita nas relações entre indivíduos muito semelhantes entre si e aos ancestrais, que se entrecruzam até na constituição de uma unidade biológica fundamental.

Joan Scott² retoma a diferença entre sexo e gênero, articula com a noção de poder. Assim, ela estabelece sua definição de gênero. A análise das relações de gênero também implica a análise das relações de poder; e, neste sentido, ressalta que essa relação permite a apreensão de duas dimensões:

(...) o gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças perceptíveis entre os sexos e o gênero como forma básica de

¹ Gênero significa a diferença entre os homens e as mulheres. Pode ser usado como sinônimo de sexo e também na referência as diferenças sociais. No nosso trabalho tomou-se como a diferença existente entre homens e mulheres. Gênero significa um conjunto de espécies com caracteres comum - espécie, ordem, classe. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/genero/>>. Acesso em 15-11-2014.

² Historiadora Norte-americana, dedica-se a história das mulheres a partir da perspectiva de gênero. Entre suas publicações mais notáveis está o artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, publicado em 1986 no *American Historical Review* Este artigo, sem dúvida, um dos artigos mais lidos e citados na história da revista.

representar relações de poder em que as representações dominantes são apresentadas como naturais e inquestionáveis (SCOTT *apud* MACÊDO, 2003, p.16).

Para Joan Scott, gênero é constituído por relações sociais: estas estavam baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e, por sua vez, constituíam-se no interior de relações de poder. Faz-se, portanto, uma análise do conceito e da categoria gênero no campo das ciências humanas e sociais para as quais o conceito de gênero refere-se à construção do papel social do sexo, a partir das diferenças percebidas entre os sexos³.

Diante da ampliação temático-metodológica e propagação dos estudos sobre diferentes momentos históricos, surgem novas inquietações, como a necessidade de sínteses que abarquem as continuidades, descontinuidades e desigualdades, relacionando o particular aos processos conjunturais, estabelecendo múltiplas articulações, mostrando como os gêneros fazem parte da história através de sua inserção social, econômica, política e cultural no passado.

Ao observar que gênero não se refere unicamente a homens e mulheres e que as associações homem-masculino e mulher-feminina não são óbvias, Sorj (1992), com a categoria gênero envolve pelo menos duas dimensões: a primeira, compreendendo a ideia de que o equipamento biológico sexual inato não explica o comportamento diferente entre o masculino e o feminino observado na sociedade. Diferentemente do sexo, o gênero é um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações. E, segundo, envolve a noção que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização da vida social.

Pierre Bourdieu citado por Silva (2011) afirma que toda e qualquer descrição das formas simbólicas de construção do mundo origina-se num sistema do qual se faz parte e no qual há uma tendência à perpetuação ou reprodução. O autor percebe que as mulheres, apesar de terem sofrido os efeitos da dominação, contribuem para a sua reprodução ao incorporar as regras de um poder que se difundiu como algo exclusivo do masculino, o que se pode constatar nessa passagem de sua obra:

Para que a dominação simbólica funcione, é preciso que os dominados tenham incorporado as estruturas segundo as quais os dominantes percebam que a submissão não é um ato de consciência, suscetível de ser compreendido

³ Diferença física ou conformação especial que distingue o macho da fêmea (ex.: sexo feminino, sexo masculino) in: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/sexo>>. Acesso em 03-10-2014.

dentro de uma lógica das limitações ou dentro da lógica do consentimento, alternativa cartesiana que só existe quando a gente se situa dentro da lógica da consciência. (BOURDIEU *apud* SILVA, 2011, p. 36).

No campo da Filosofia, o nome de Simone de Beauvoir é uma importante referência. Em sua obra *O Segundo Sexo* (1949) que se constitui como um clássico da literatura feminista, considerado um dos livros de iniciação de um grande número de feministas no mundo inteiro. É justo afirmar que a ideia central do conceito de gênero nasceu com a escritora francesa Simone de Beauvoir

Na visão de Beauvoir (1980), uma mulher torna-se plenamente humana quando tem oportunidade de se dedicar ao exercício de atividades públicas e quando pode ser útil à sociedade. Para a feminista não se nasce mulher, torna-se mulher. A partir de tal posição, suas seguidoras, militantes feministas, nos anos sessenta do século XX irão fortalecer-se na sociedade.

Esta assertiva possivelmente seja a maior de todas as provocações que o feminino na história pode trazer à revolução do pensamento social e político do último século. Beauvoir ungiu a cultura da possibilidade de compreender-se a si mesma, em face de tema tão sutil e evidente, tão original e constante nos embates da história. Ao mencionar isso, Beauvoir está chamando a atenção para as inúmeras construções sociais acerca de ser homem e, especialmente, ser mulher.

Na introdução de sua obra, Beauvoir inicia um questionamento muito profícuo: “O que é uma mulher?” para em seguida, questionar se ser mulher é simplesmente possuir um útero? Ao refutar essa correspondência direta, Beauvoir chega à seguinte conclusão: “Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade (BEAUVOIR, 1949, p. 13). Justamente sobre esse ponto, tão complexo e contraditório por excelência, que reside o conceito de gênero.

Na espécie humana, tem-se o ser masculino e o ser feminino. As diferenças sexuais são baseadas nas diferenças biológicas. A sociedade humana, porém, é histórica, muda conforme o padrão de desenvolvimento da produção dos valores e normas sociais, refletindo essa transformação nos papéis sociais⁴.

⁴ Define o conjunto de normas, direito, deveres e explicativas que condicionam o comportamento dos indivíduos junto a um grupo ou dentro de uma instituição. Os papéis sociais, que podem ser herdados ou conquistados, surgem da interação social, sendo sempre resultado de um processo de socialização. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Papel_social>. Acesso em 01-10-2014.

Nesse sentido, Fonseca (1996) assinala as transformações nos padrões de comportamento e nos valores relativos ao papel social da mulher intensificado pelos movimentos feministas e pela presença cada vez maior da mulher nos espaços públicos. Também são considerados outros indicadores tais como: a crescente queda de fecundidade, a expansão da escolaridade e o acesso maciço das mulheres às universidades, como sendo fatores que têm influenciado incisivamente o aumento do ingresso feminino no mundo do trabalho.

A identidade feminina, “[...] enquanto projeto em construção, depende hoje da aquisição de um conjunto de direitos capazes de garantir às mulheres o exercício de uma plena cidadania” (CARNEIRO, 1994, p. 190). E, como todo movimento de debate, rejeita todos os estereótipos tradicionais existentes sobre a imagem da mulher, ou seja, contra o mito da fragilidade, contra o confinamento da mulher no espaço doméstico e contra a sua limitação a simples reprodutor da espécie.

Os primeiros passos do Movimento Feminista no Brasil e no mundo expressaram a intensa revolta ao processo de opressão da mulher, atualmente existe preconceito, ocorre que hoje a mulher optar por outros caminhos que não seja o doméstico e o privado. Fonseca afirma:

No imaginário social firmam-se, contudo, crenças sociais que prescrevem mulheres, os trabalhos de menor visibilidade social, de maior suportabilidade aos ritmos repetitivos e velozes e de maior precisão motora. Suas mãos são instrumentos domados para a paciência, seu corpo tornou-se domesticado pelas exigências do outro/masculino, sua mente é fraca, enquanto é forte e grandioso seu coração. Paciência, persistência e obediência, aliadas a um coração capaz de suportar ser emudecido, essas são algumas das possíveis ideias que fundamentam a dominação e exploração das mulheres (FONSECA, 2000, p. 47).

Estudar gênero é uma forma de compreender as relações sociais a partir dos conceitos, representações e práticas desenvolvidas entre as pessoas, sobretudo como se constroem as relações entre as pessoas, sejam elas do mesmo sexo ou de sexos diferentes, de idade, classe social, cor e raças iguais ou opostas. É a compreensão ou juízo de valor que as pessoas têm sobre as outras a partir do sexo de cada um, carregados de estereótipos tem o poder de impor ideais sobre indivíduos, grupos ou objetos, impõe um padrão fixo, invariável, negando diferenças individuais e culturais manifestadas através de críticas, sentimentos ou imagens preconceituosas. Por exemplo: homem forte, mulher frágil, algo milenar que perdura até hoje.

A expansão e aprofundamento dos temas e reflexões sobre gênero ocorrido nas últimas

décadas motivam a renovação e o questionamento dos paradigmas e métodos históricos tradicionais. Isso provocou o surgimento de uma multiplicidade de histórias⁵, trazendo a mulher como objeto que pode e deve ser pesquisado, pois fazem parte da identidade social. A influência mais marcante para essa abertura parece ter sido a descoberta do político no âmbito do cotidiano, o que levou a um questionamento sobre as transformações da sociedade, o funcionamento da família, o papel da disciplina e das mulheres, o significado dos fatos, lutas e gestos cotidianos. Assim, a expansão dos estudos sobre a mulher vinculou-se a uma redefinição do político ante o deslocamento do campo do poder das instituições públicas e do Estado para a esfera do privado e do cotidiano, fato esse que contribui para o relato da história de várias mulheres, de diferentes regiões, permitindo acesso de novas percepções de poder.

A história das mulheres apareceu como um campo definível principalmente nas duas últimas décadas. Apesar das enormes diferenças nos recursos para ela alocados, em sua representação e em seu lugar no currículo, na posição a ela concedida pelas universidades e pelas associações disciplinares, parece não haver mais dúvida de que a história das mulheres é uma prática estabelecida em muitas partes do mundo. Embora a situação dos estados Unidos seja única pelo fato da história das mulheres ter atingido uma presença visível e influente na academia (SCOTT, 1992, p. 63-64).

A título de exemplo, gênero compreenderia os comportamentos, as preferências, os interesses, as formas de se vestir, andar e falar, relacionadas a ser homem e ser mulher. Todos esses aspectos seriam simplesmente somados a um corpo que, por estar preso à natureza humana^{ll}, é imutável, fixo e bipolar, separando o masculino do feminino.

Foi necessário instituir um novo sentido para a palavra, considerando que “[...] gênero não pretende significar o mesmo que sexo, ou seja, enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado à sua construção social como sujeito masculino ou feminino” (LOURO, 1996, p. 8).

O que motiva o movimento feminista e as historiadoras feministas a escreverem a história das mulheres, é apontar e modificar as desigualdades entre homens e mulheres. Assim, o que pretendem é propor uma análise sobre como as hierarquias de gênero são construídas, legitimadas, contestadas e mantidas.

Como já é conhecido, há uma determinação natural do comportamento de homens e

⁵ As transformações ocorridas nas últimas décadas, mais precisamente a partir da massificação dos meios de comunicação, da revolução feminina, e dos avanços tecnológicos, vêm apontando para uma mudança significativa nas relações sociais, inclusive no que diz respeito ao papel da mulher. Percebe-se que a constituição de identidade, o conceito de família e o desempenho de papéis nas relações de gênero, atendem a uma ordem diferente da praticada até meados do século XX.

mulheres, apesar das inúmeras regras sociais impostas numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos, usadas nos exemplos mais corriqueiros como: mulher não pode levantar peso ou, homem não tem jeito para cuidar da casa. De acordo com esse juízo, gênero serve para definir o que é social, cultural e historicamente determinado, uma vez que nenhum indivíduo existe sem relações sociais, desde que nasce (KOLONTAI, 2011).

Dentro desta perspectiva que trata gênero como uma construção social, em que as relações são norteadas pelo poder, os papéis de gênero são tomados como um sistema de papéis e de relações entre mulheres e homens, os quais não são determinados pela biologia, mas pelo contexto social, político e econômico. Baseando-se nisto, diz-se que o sexo biológico de uma pessoa é dado pela natureza, mas o gênero é construção.

Mulheres e homens possuem diferenças sexuais biologicamente determinadas, também lhes foram impostos pela sociedade diferentes papéis, baseados em seus sexos. Este fenômeno é conhecido como papéis de gênero, ou seja, modos de ser e de interagir como mulheres e homens, que são moldados pela história, ideologia, cultura, religião e pelo desenvolvimento econômico de cada sociedade.

Os papéis de gênero são diferentes de uma sociedade para outra, de um lugar para outro, e podem variar de acordo com a época. Fatores como a moda, e tão complexos como as relações desiguais de poder, determinam as particularidades dos predicados de gênero numa determinada cultura. As características sexuais são determinadas no útero, no momento da concepção. A identidade de gênero é desenvolvida durante a infância e na vida adulta, a constituição dos papéis e das relações de gênero é um método que permanece.

Os pais e as mães, as irmãs e os irmãos, os parentes e os amigos, todos desempenham um papel no reforço ou desestímulo de comportamentos para meninos e meninas. As escolas, assim como a mídia e outras instituições relacionadas às famílias têm esse papel formativo, transmitindo valores, modelos de papéis e estereótipos de gênero. O ambiente doméstico é frequentemente considerado como a primeira arena das relações de gênero.

Mesmo que teóricos e intelectuais disputem quanto aos modos de compreender e atribuir sentido a esses processos, elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente.

As desigualdades não provêm do fato de termos nascidos machos ou fêmeas, mas sim das relações e papéis sociais e sexuais construídos em sociedade. A própria sociedade determina o que é masculino e o que é feminino, através de suas instituições, da cultura, do sistema

educacional, da divisão sexual e social do trabalho, etc. As relações desiguais de gênero é que levam a mulher à subalternidade.

Com essa nova visão e desejo de conhecimento de novas fontes, antes intocadas ou fora do campo de interesse de historiadores, houve o Relativismo cultural, este é um método de se observar sistemas culturais, sem uma visão preconceituosa da sociedade vigente, ou seja, realizar a observação sem usar nenhum meio ou parâmetro pré-concebido pela cultura ocidental e, assim, realizar um estudo e/ou observação do sistema cultural sem nenhum pré-conceito (BURKE, 2005).

Com isso, realizar a avaliação sem privilegiar os valores de um só ponto de vista, e estruturar o corpo social a partir de suas próprias peculiares, no caso aqui estudar e analisar a história das mulheres buscando descrever o cotidiano particular das mulheres em questão. Contudo, abrindo um leque de oportunidade, novas perspectivas, assim, seus próprios sistemas de valores e sua própria integridade cultural. É importante contar a história tanto de homens, quanto de mulheres, há desejo e necessidade em ouvir a voz dos excluídos (SHARPE, 1992).

Essas novas perspectivas e influências emergentes nesse momento possibilitaram a reorientação do enfoque histórico com o desmoroamento da cotidianidade, o questionamento de abordagens globalizantes do real, também de uma história política de corte neopositivista e em geral, centrada nos estudos das elites e dos heróis masculinos permitindo também o questionamento da universalidade do discurso histórico (MATOS, 1997, p. 89).

Thompson é um defensor do ponto de vista da história vista de baixo. Na sua concepção a história deve ser contada, não somente levando em consideração os grandes fatos da história oficial e seus heróis, mas, sobretudo pela observação dos fatos ocorridos com pessoas que fazem parte da massa esquecida, entre eles: os operários, os camponeses, os artesãos, mulheres, crianças e outros que foram desprivilegiados ao longo da história.

Como resultado da escassez de fontes documentais, historiadores que tentam estudar as experiências das pessoas ditas de baixo, têm constantemente recorrido ao uso da história oral. Embora, muitas vezes, as fontes orais não sejam consideradas objetivas, não as torna inútil, muito pelo contrário, permite aos historiadores chegarem muito perto das experiências das pessoas pertencentes às classes ditas inferiores⁶. Serviu como fonte de inspiração para historiadores preocupados em fazer a história das massas, pois, alguns de seus métodos

⁶ Cf., PERROT, Michelle et al. A História das Mulheres. Cultura e Poder das Mulheres: ensaio de historiografia. **Revista Gênero**, v. 2, n. 1, 2º semestre de 2001, p. 12.

ênfatisam elementos culturais de natureza socioeconômica além de maneiras para se refletir e examinar as interações informais, que há no âmbito privado da família, por exemplo. Novas perspectivas trouxeram como preocupação abrir novas trilhas, criar probabilidades de articulação e inter-relação, reaver diferentes histórias e sensações individuais, promover a descentralização dos sujeitos históricos e permitir a descoberta das histórias de gente sem história, procurando articular experiência e aspirações de agentes aos quais se negaram lugar e voz dentro do discurso histórico tradicional.

O tema da mulher passou a atrair os historiadores desejosos de ampliar os limites de sua disciplina, de abrir novas áreas de pesquisas e, acima de tudo, de explorar as experiências históricas de homens e mulheres cuja identidade foi tão frequentemente ignorada ou mencionada apenas de passagem.

A pesquisa feminista⁷ reforça e argumenta que necessita-se estudar as mulheres, porque caso contrário, só vê parte da raça humana. A marginalização das mulheres permitiu a exclusão, as novas pesquisas são necessárias para fazer conhecida a situação em que as mulheres encontram-se, sobretudo, o motivo da exclusão a qual as mulheres são submetidas, e de outro modo fazer conhecido novos sujeitos feminino e masculino. É preciso estudar as mulheres em seus próprios termos, fazendo resgate das experiências femininas trazendo à tona suas experiências.

Assim, procurou-se rever imagens e enraizamentos impostos pelos paradigmas disciplinares, bem como dar visibilidade às mulheres, questionando a dimensão de exclusão a que estavam submetidas, entre outros fatores, por um discurso universal masculino. Revelaram-se novos femininos e masculinos, outras histórias foram contadas e outras falas recuperadas, abrindo possibilidades para o resgate de múltiplas e ricas experiências (MATOS, 2002, p. 238).

Nas ciências sociais, ampliou-se nos últimos anos os estudos sobre a mulher, sua participação na sociedade, na organização familiar, nos movimentos sociais, na política e no trabalho. O tema adquiriu popularidade e abriu novos espaços, em particular após a incorporação da categoria gênero nessa área. A produção historiográfica sobre gênero vem crescendo e tomando vigor pluralista abrangendo distintas formas de abordagem e conteúdos variados, contribuindo para renovação da temática.

O desafio de incorporar a questão de gênero vem sendo enfrentado de forma admirável. O

⁷ O feminismo evidenciou a ausência da figura feminina no território historiográfico, criando as bases para uma história das mulheres feita por historiadoras (PRIORE, 2001).

campo se expandiu e questões emergentes nessas pesquisas têm contribuído de modo significativo para a renovação temática e metodológica das disciplinas, possibilitando a descoberta de temáticas, testemunhos, documentos, fontes, temporalidades, estratégias metodológicas e categorias analíticas, com destaque para a categoria gênero (MATOS, 2002, p. 238).

Para Matos (2002) a categoria gênero reivindica um território exclusivo, em virtude das insuficiências dos focos teóricos existentes, por explicar a persistência das desigualdades entre homens e mulheres. Enquanto nova categoria, o gênero vem procurando conversar com as categorias históricas já existentes, mas vulgarmente é ainda empregada como sinônimo de mulher, já que seu uso teve uma acolhida maior entre os estudiosos deste tema.

Outra autora que contribuiu bastante para os estudos sobre o feminismo foi Ana Osório⁸ (1872-1935), escritora, intelectual, jornalista, ensaísta, conferencista, feminista e republicana. Vestiu a bandeira do feminismo e desenvolveu intensa campanha em prol dos direitos das mulheres, fundou a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, o Grupo de Estudos Feministas e a Cruzada das Mulheres Portuguesas, além de escrever artigos e fazer conferências sobre o tema da condição feminina, defendendo o direito à educação e ao trabalho como meios de emancipação feminina (OSÓRIO apud ABRANTES, 2010, p. 2).

Ana Osório falou e incentivou tanto às mulheres de seu país como às mulheres latinas de uma maneira geral, mostrando a importância do estudo e trabalho como um meio de obterem sua liberdade, pois considerava que as jovens mulheres poderiam sim optar por ter uma vida diferente, pois de fato estariam condicionadas a serem companheiras e mãe, destinadas ao privado. Um dos conselhos era para não fazer do amor o ideal único da existência nem o seu único fim, mas pensar no trabalho e no estudo, deixando que as faculdades afetivas se desenvolvessem livremente, e, caso não desenvolvessem, que isso fosse indiferente à sociedade, deixando assim que as mulheres fossem capazes de escolher. Era também defensora da melhoria da educação feminina com o objetivo de serem esposas e mães mais preparadas para a educação da geração moderna. Considerava que a mulher não devia ser coagida pela educação, nem pelos costumes, nem pelas conversas, nem pelos pais, muito menos ver no casamento um fim, um ideal completo e único, quase uma obrigação (OSÓRIO, apud ABRANTES, 2010, p. 3).

⁸ As críticas feitas por Ana Osório, sobre a educação e o trabalho feminino ao longo das primeiras décadas do século XX, foram as que expressaram melhor o novo pensamento sobre a instrução como dote para as mulheres, de camadas médias, especialmente.

No Brasil uma das principais feministas é Rose Marie Murano⁹. A seguir tem-se a resposta dada por ela, quando entrevistada sobre a causa que o feminismo deve propor atualmente:

A causa maior é a econômica. O feminismo já abrangeu todas as causas. As coisas convencionais foram a atuação da mulher no mercado de trabalho, a luta para que o salário feminino fosse igual ao salário masculino, todas essas coisas que já foram ditas exaustivamente. Do ponto de vista da mulher, ela deve preocupar-se em reinventar a economia, inclusive o dinheiro, que é o maior de todos. Reinventa-se como? Fazendo um dinheiro que não seja como o dinheiro americano, que é o dinheiro que conta, mas um dinheiro que seja medido com valores de todos os países e que seja tirada uma mediana disso tudo. Essa é hoje a grande finalidade do feminismo. É preciso pensar a mudança do capital dinheiro, a mudança da tecnologia, a mudança da relação econômica¹⁰ (MURANO, 2013).

Michelle Perrot compreende que os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com o seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória. A autora considera que o feminismo teve destaque ao desenvolver interrogações sobre a vida das mulheres que não participavam da vida pública, esquecidas da história (PERROT, 1988).

Com o intuito de torná-las reais foi necessário aglomerar dados, instituir lugares de memória e na falta de testemunhos escritos a recente história oral é uma análise da história das mulheres. Das questões apontadas pela autora está a dificuldade de mulheres se expressarem sobre suas ações nos acontecimentos públicos, suas resistências e, sobretudo de falarem de si, de dizerem o que sentem devido à educação que permeou nelas o esquecimento de si para doarem-se principalmente, ao esposo e aos filhos. É sugerido pela autora o entrosamento entre a pesquisadora e as mulheres para que elas se sintam sujeitos da história, que liberem o seu desejo de falarem de si, de serem levadas a sério. Homens e mulheres constituem a identidade de uma sociedade; a história oral permite analisar o funcionamento da memória das mulheres, antes silenciada. E por fim conclui que:

Essas experiências permitirão talvez um dia analisar mais precisamente o funcionamento da memória das mulheres. Existe, no fundo, uma

⁹ Foi uma escritora, intelectual e feminista brasileira. É autora de mais de 40 livros e também atuou como editora em 1600 títulos, quando foi diretora da Editora Vozes. Nos anos 70, foi uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil. Morreu em 2013, causa de complicações de câncer.

¹⁰ Entrevista concedida à IHU On-Line por telefone em ocasião do Dia Internacional da Mulher. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4930&secao=416>. Acesso em 21 de Nov. de 2014.

especificidade? Não, sem dúvida, se trata de ancorá-las numa inencontrável natureza e no biológico. Sim, provavelmente, na medida em que as práticas socioculturais presentes na tripla operação que constitui a memória – acumulação primitiva, rememoração, ordenamento da narrativa – está imbricada nas relações masculinas/femininas reais e, como elas, é produto de uma história (PERROT, 1989, p. 15).

Quando o feminino é pensado ocorre que toda a imagem e historicidade em torno da mulher tornam-se um tanto compreensível; ao menos conhecida. O objetivo é apresentar para o cenário não apenas o sexo frágil, a mulher educada para servir o marido e a família, mas a própria cultura feminina num amplo jogo de relações ente homens e mulheres, recriando uma identidade própria, possibilitando ir além de hierarquias pré-estabelecidas. Sabendo que homens e mulheres contribuem para o desenvolvimento da sociedade, nesse viés Alves e Pitanguy afirmam:

A luta contra a discriminação implica, assim, na recriação de uma identidade própria, que supere as hierarquias do forte e do fraco, do ativo e do passivo. Identidade esta em que as diferenças entre os sexos sejam de complementaridade e não de dominação. Em que a força e fraqueza, atividade e passividade não se coloquem como polos opostos definidores do masculino e feminino, e sim como parte da totalidade dialética, contraditória do ser humano (ALVES; PITANGUY, 2003, p. 56).

Rever a memória feminina permite compreender como ela foi construída podendo assim suscitar novas pesquisas e novos olhares para desconstruir a lógica da dominação masculina e universal. Estas discussões são também uma proposta para abrir outras relações de poder presente no cotidiano, pois a história é dinâmica e não pode-se retirar das mulheres seu papel de agentes históricos, participativos e ativos da sociedade vigente.

1.1 Feminismo e estudos historiográficos

Foi no século XX que o movimento feminista se espalhou pelo mundo com manifestações como: queima de sutiãs em praça pública e libertação da mulher com a criação da pílula. Multiplicaram-se as palavras de ordem: Nosso corpo nos pertence! O privado também é político! Diferentes, mas não desiguais!

O feminismo busca representar e recriar a identidade de sexo sob uma

ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades femininas ou masculinas sejam atributos do ser humano em sua globalidade. Que a afetividade, a emoção, a ternura possam aflorar sem constrangimentos nos homens e serem vivenciados, nas mulheres, como atributos não desvalorizados (ALVES; PITANGUY, 2003, p. 39).

Simone de Beauvoir, uma grande escritora francesa e feminista, uma referência para a construção da história do pensamento feminista do século XX. O ponto essencial de seu trabalho é a ausência da história das mulheres. Desse modo, como poderiam progredir nas conquistas do espaço público e sentir orgulho de si próprias? Sua obra: *O Segundo Sexo* (1980), serviu de apoio e alerta ao movimento feminista.

Os estudos feministas, por seu caráter político deixaram uma contribuição preciosa pela qual se efetivaram as problematizações a partir de uma análise da trajetória histórica das mulheres a ser reconhecida, valorizada e digna de ser discutida, para então, chegar-se à desconstrução das diferenças.

O movimento feminista no Brasil teve sua origem no final do século XIX, com as lutas das mulheres pelo direito à educação e ao voto. O direito ao voto, passo importante para a posição de cidadã, foi estendido às mulheres em quase todos os países ocidentais na primeira metade do século XX. No Brasil, as mulheres conquistaram esse direito a partir da Constituição de 1934. Em 1972 surgiu na cidade de São Paulo um grupo organizado de feministas. Pouco a pouco temas do feminino e do feminismo ocuparam fóruns nacionais de debate, como por exemplo, o realizado em Belo Horizonte em 1975. No mesmo ano, surgiu no Rio de Janeiro o Centro da Mulher Brasileira, e em São Paulo, realizou-se o encontro para Diagnóstico da Mulher Paulista; surgiu o Movimento Feminino pela Anistia e foi lançado o *Jornal Brasil Mulher*, que circulou de 1975 a março de 1980. Entre 1976 e 1978, circulou o *Nós Mulheres*, e em março de 1981 é lançado o *Mulherio*, que foi leitura obrigatória das feministas, por mais de cinco anos. Aos poucos, elas foram se organizando em movimentos como: negras, prostitutas, lésbicas, trabalhadoras rurais e urbanas, empresárias e etc. (RODRIGUES, 2000, p. 6).

Na década de 60, grande número de mulheres participou ativamente contra a desigualdade de direitos, discutindo a ideia que homens e mulheres têm seu papel já estabelecido, questionando a raiz da desigualdade existente. Para Alves e Pitanguy essa percepção que homens e mulheres possuem papéis estabelecidos, o mundo externo para

homens e âmbito privado para mulheres legitima a posição de autoridade do homem.

A partir da década de 1960, o feminismo incorpora, portanto outras frentes de luta, pois, além das reivindicações voltadas para desigualdade no exercício de direitos - políticos, trabalhistas, civis -, questiona também as raízes culturais destas desigualdades. Denuncia, desta forma, a mística de um eterno feminino, ou seja, a crença na inferioridade natural da mulher, calçada em fatores biológicos. Questiona assim a ideia de que homens e mulheres estariam predeterminados, por sua própria natureza, a cumprir papéis opostos na sociedade: ao homem, o mundo externo; à mulher, por sua função procriadora, o mundo interno. Essa diferenciação de papéis na verdade mascara uma hierarquia, que delega ao homem a posição de mando (ALVES; PITANGUY, 2003, p. 51).

Não é aceitável garantir papéis de homens e mulheres baseado apenas no sexo, pois essa diferenciação tem aumentado a desigualdade de gênero. A legitimação das mulheres como sujeitos sociais foi conseguida, sobretudo, pelo compromisso das mesmas com uma luta organizada em busca de seus direitos e definição de seu espaço na sociedade. Essas organizações enriqueceram as práticas associativas femininas e permitiram-lhes tratar dos problemas e demandas derivados da condição de gênero. Por meio do feminismo, alteraram as perspectivas de dominação em diversas áreas, por meio das campanhas pelos direitos legais, como direitos à propriedade, direito ao voto, direitos reprodutivos, e, principalmente, no que diz respeito aos direitos trabalhistas.

É a partir de lutas íntimas, portanto, que as mulheres iniciam um questionamento quanto à realidade social, criando os primeiros movimentos feministas, marcados por uma grande diversidade de reivindicações. Antes das pesquisas voltadas para a mulher foram as feministas que fizeram a história das mulheres. O feminismo evidenciou a ausência da figura feminina no território historiográfico, criando as bases para uma história das mulheres feita por historiadoras (PRIORE, 2011).

Ao indicar a década de 1960, no século XX, como um marco das reivindicações feministas, é impossível deixar de mencionar as primeiras manifestações ocorridas ainda nos séculos XVIII e XIX, que deram uma contribuição significativa para as lutas e conquistas futuras, mas considera-se que nesse momento as mulheres não estavam articuladas em grupos coesos e o que havia eram vozes mais ou menos isoladas de descontentamento. O feminismo de então estava intimamente associado à personalidade e a grande bandeira de luta foi pelos direitos sufragistas.

O ano de 1848 é considerado o ponto de partida do movimento

sufragista nos Estados Unidos, por ser a data de realização da Convenção de Seneca Falls, evento no qual se reivindicou pela primeira vez o direito da mulher estadunidense ao voto (GONZÁLEZ, 2010. p. 33).

Esse movimento conhecido como Movimento Sufragista¹¹ foi consequência das lutas travadas pelas mulheres americanas, entre eles o direito de defender seus próprios interesses, superando os limites da esfera privada, onde tradicionalmente encontra-se predestinada. A luta pelo sufrágio universal significou a ampliação dos direitos da democracia; não incluía, no entanto, o sufrágio feminino. Tal luta abrangeu homens e mulheres de classes diferentes. Nos Estados Unidos o Sufragismo denuncia a exclusão da mulher na esfera pública, em um período que há expansão do conceito liberal de cidadania, abrangendo homens, mulheres, negros e destituídos de renda.

Se o movimento sufragista se confundiu com o feminismo ele foi, no entanto, um movimento feminista, por denunciar a exclusão da mulher da possibilidade de participar nas decisões públicas. Uma vez atingindo seu objetivo, o direito ao voto (...) incorporando outros aspectos que configuram a condição social da mulher (ALVES; PITANGUY, 2003).

O movimento abolicionista ocorreu paralelamente e serviu de base para desenvolver uma teoria sobre sua posição na sociedade e sobre os direitos básicos, então tornando possível a libertação não apenas dos escravos, as mulheres de alguma forma tornam-se livres, alcançando alguns direitos. Tal movimento mobilizou no auge da sua campanha mais de dois milhões de mulheres; fato este que torna o movimento político de massa de maior aceção no século XX.

O feminismo deixou de ser um movimento de mulheres brancas, de classe média, para incorporar diferentes setores da sociedade, isso é fato. O feminismo brasileiro avançou, nessas três últimas décadas, a passos consideráveis, na conquista da cidadania feminina, garantindo direitos constitucionais e novos espaços de atuação, fundamentais para a classe feminina. O movimento contribui, também, e com muito peso, para mudanças nos valores e atitudes

¹¹ Com a tomada de poder por Getúlio Vargas, o governo apresentou-se favorável ao sufrágio feminino. Em 1931, Getúlio concedeu voto limitado às mulheres, ou seja, somente solteiras, viúvas com renda própria ou casadas com a autorização do marido poderiam votar. Grupos feministas continuaram manifestando-se, alegando igualdade de voto entre homens e mulheres. Então, Getúlio Vargas assinou o decreto n.º 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, o qual determinava que era eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma do código. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/reportagens/eleicoes_mulherespolitica/parte-03.asp>. Acesso em: 21 de Nov. de 2014.

referentes ao acesso das mulheres ao ensino superior, à conquista da independência econômica, ao direito a uma vida sem violência e à autonomia sobre o corpo – valores hoje expressos por muitas brasileiras, que não se reconhecem necessariamente como feministas.

No Brasil, a passagem da Lei 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha¹², representou um relevante avanço no combate à violência de gênero. A população brasileira conhece e apoia essa legislação. Mas o OBSERVE (Observatório de Implementação da Lei Maria da Penha) – instância autônoma da sociedade civil que acompanha esse processo – tem alertado para as inúmeras dificuldades que se interpõem à aplicação da nova lei, a começar pela resistência do Judiciário em criar os juizados especiais de combate à violência doméstica, praticada em mulheres, e exigida pela Lei Maria da Penha.

A legalização do aborto como um direito sobre o corpo é outra importante bandeira dos movimentos feministas. No Brasil, desde 1940, ele só é permitido se a gravidez resultar de estupro ou se implicar risco de vida para a mãe. No entanto, mais de um milhão¹³ de abortos são feitos por ano, a maior parte em situação ilegal e condições perigosas, trazendo complicações que elevam os índices de mortalidade materna e resultam em gastos significativos para o Estado. Quem mais sofre são as mulheres pobres, jovens, negras em especial, que pagam com suas vidas pela falta de conhecimento.

¹² No que se refere à punição do agressor, a Lei Maria da Penha mudou a realidade processual dos crimes de violência doméstica e familiar contra a mulher. Ao proibir a aplicação da Lei nº 9.099/95, impossibilitou a punição dos agressores com penas pecuniárias (multa e cesta básica) e a aplicação dos institutos despenalizadores nela previstos, como a suspensão condicional do processo e a transação penal.

¹³ Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/com-1-milhao-de-abortos-por-ano-mulheres-pobres-ficam-amargem-da-lei,0401571f0cd21410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 12 de Nov. de 2014.

2 HISTÓRIA ORAL E CARACTERÍSTICAS DO PERFIL DA MULHER ATUAL

É necessária a reflexão sobre o uso da História Oral na produção do conhecimento histórico e principalmente sua articulação com a memória que é utilizada como um meio de chegar a uma descrição não do todo, mas sim do particular. Entende-se que o uso da História Oral juntamente ou influenciada pela Nova História Cultural¹⁴ contribui para a produção de conhecimento e resgate da memória nacional. É importante ressaltar o quanto é importante o uso da história oral, na obra de Paul Thompson¹⁵.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Nessa passagem, Thompson diz que a história oral é essencial para memória humana. Utiliza-se da capacidade de rememorar ao passado enquanto testemunha do vivido. Pode-se entender a memória como a presença do passado; como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado; nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção, visto que cada um tem uma forma peculiar de perceber o mundo.

Não é somente a lembrança de um indivíduo, mas da volta do indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não. Entende-se dessa forma como são perpetuados os costumes em determinada família ou até mesmo na sociedade pesquisada. É lógico que a maior contribuição da história oral está no fato das pesquisas feitas servirem de fontes de consulta.

A história oral constrói o conhecimento histórico na perspectiva da narrativa, permitindo, assim, uma descrição das representações dos sujeitos que viveram a História ou, de alguma forma, com ela tiveram contato. Sabe-se que a história conhecida de todas é a

¹⁴ Cf., BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, 191. De acordo com Burke a história desfruta da renovação, sobretudo no mundo acadêmico. Tem o propósito de explicar que os historiadores culturais dão ênfase às diferenças, aos debates e conflitos, interesses e conflitos compartilhados.

¹⁵ Paul Thompson, é um professor de sociologia da Universidade de Essex, é um dos pioneiros da história oral na Grã-Bretanha, e hoje uma das autoridades mundiais na reflexão e na utilização desse método para o registro histórico. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Thompson>. Acesso em: 12 de out. de 2014.

história tradicional¹⁶, documentada, por isso o esforço de pesquisar a história de povos e pessoas através da História Oral, dando voz aqueles que não tiveram.

A partir daí começou a se debruçar sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos historicamente, como os operários, camponeses, escravos, pluralizando-se os objetos de investigação histórica. Além de manter viva a cultura de um povo, a história oral permite elucidar sobre questões corriqueiras que não estão citadas na história tradicional. Claramente a ausência de mulheres no corpo de representantes, na história dita tradicional contribui para perpetuar as condições de seu próprio afastamento da esfera pública, reafirmando como território exclusivamente masculino.

Estereotipadas, as mulheres tendem a calar-se, sem poder sustentar a noção de que possuem interesses e desejos que perpassam nos tipos ideais¹⁷ transmitidos de geração em geração. Apesar das mudanças resultantes dos movimentos feministas, das políticas na área da igualdade e dos estudos acadêmicos na área do gênero, mulheres vivenciam atualmente o preconceito.

Subtende-se que fontes orais, assim como qualquer outra fonte, a intenção não é alcançar e apresentar o passado como verdade absoluta ou fixa. Com o uso da História Oral é possível definir a identidade de um povo; capaz de retratar as realidades, as vivências e os modos de vida de uma comunidade em cada tempo e nas suas mais variadas sociabilidades. Esse tipo de fonte não só permite a inserção do indivíduo, mas o resgata como sujeito no processo histórico, produtor de histórias e feitos de seu tempo.

De outro modo, isso não expressa que um historiador que se utilize da História Oral busque com cuidado, elencando critérios e definindo caminhos para uma análise complexa de suas fontes. Não se pode esquecer que as narrativas obtidas dos relatos orais são narrativas de memórias. Desse modo o trabalho com fontes orais permite conhecer a história dos excluídos, sendo a entrevista o principal instrumento. Segundo Silveira:

O trabalho com fontes orais possibilitou trazer à História, como sujeitos e/ou testemunhos aqueles que, de certa forma, foram excluídos e colocados no anonimato, sem direito à memória, comum no paradigma tradicional ou marxista. A entrevista se configura como principal instrumento (ou técnica) do método de história oral (SILVEIRA, 2007, p. 39).

É de extrema importância os relatos obtidos pelo historiador. Segundo Silveira (2007, p. 41), a História Oral produz narrativas orais, que são narrativas de memória. “(...) são

¹⁶ A história dos grandes homens, grandes vultos. Aquela que está documentada.

¹⁷ Tipo ideal seria a ideia pré-estabelecida, sobre o que é ser homem ou mulher.

narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade”, permitindo ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas, sendo a memória social um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da História.

É necessário ser mais cautelosos ao lidar com as fontes orais, buscando entender que tais memórias representam para o entrevistado e como elas estão sendo (re) construídas e externalizadas no momento da entrevista; evento que depende muito da sensibilidade do entrevistador.

Assim, o historiador que se utiliza da história oral pode aproximar-se de seu objeto, a partir de um contato mais subjetivo, proporcionando o entendimento de como tais verdades foram culturalmente construídas pelo sujeito histórico¹⁸. Destarte, o pesquisador deve ter muito cuidado ao usar a fonte oral, assim como com todas as fontes. Deve primeiro submetê-la a uma minuciosa reflexão crítica e metodológica. Também precisa possuir um amplo conhecimento das críticas e dos aspectos polêmicos que envolvem o uso da fonte oral, de forma a explicitar suas posições e opções metodológicas na trajetória de pesquisa, armando-se de suporte teórico referente ao fenômeno estudado (THOMPSON, 1992).

Portanto, memória é sempre uma construção feita no presente a partir de experiências ocorridas anteriormente; memórias individuais e coletivas se confundem. Estar-se sujeito a influências, bem como a influenciar os grupos a que se pertence e com os quais se identifica.

Como procedimento metodológico a história oral busca registrar e perpetuar impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e, dessa forma, permitir um conhecimento do vivido, muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não se conheceria. A história oral é entendida como:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, [...]) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc (ALBERTI, 1990, p. 52).

Em contraponto, através de movimentos de renovação metodológica, realizados pelas

¹⁸ As entrevistas, como todo testemunho, contêm afirmações que podem ser avaliadas. Entrelaçam símbolos e mitos com informações tão válidas quanto as que podemos obter de qualquer outra fonte humana. (THOMPSON, 1992, p. 315).

escolas britânicas, norte-americanas e francesas, o campo de pesquisa se alargou para o historiador, fazendo com que esse tipo de fonte passasse a ser explorada com mais proporção, vencendo de certa forma os convencionalismos, podendo integrar de forma expressiva aqueles que são excluídos do campo investigativo¹⁹. Trazendo os grupos que antes eram desprestigiados, como mulheres, negros e pobres.

O trabalho com fontes orais possibilitou trazer à História, como sujeitos e testemunhos aqueles que, de certa forma, foram excluídos e colocados no anonimato, sem direito à memória, exclusivo no paradigma tradicional. A entrevista se configura como principal instrumento (ou técnica) do método de história oral, permitindo o indivíduo conhecer a si mesmo²⁰.

Trabalhar com História Oral é, sobretudo, não querer uma história totalizante a partir dos depoimentos, nem mesmo evidenciar uma verdade absoluta. Significa permitir espaço aos sujeitos anônimos, espaço da História na produção e divulgação dessas; buscar articular sua narrativa aos contextos e elementos do objeto em pesquisa, no caso em foco, as mulheres.

É também estar preparado para abranger que nem sempre o ato de lembrar é uma ação saudável e positiva para o sujeito, pois pode trazer dores e sofrimentos para o entrevistado, ou até mesmo para o pesquisador. O que o historiador escreve não é aquilo que se passou e, sim, uma produção discursiva, capaz de transmitir atitudes. É o que salienta Thompson quando se refere à História Oral:

A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva como individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo. Nisto, as narrativas são utilizadas, acima de tudo, para caracterizar as comunidades e os indivíduos e para transmitir suas atitudes (THOMPSON, 1992, p. 185).

A história das mulheres²¹ começou a ser divulgada principalmente a partir da década de 1980, protegida pela história social, pela demografia histórica, e mais recentemente pela história das culturas e das mentalidades. Há quase sempre uma deficiência feminina nos relatos históricos; quando aparecem são vitimizadas ou culpadas; ideia esta contestada por Michelle Perrot (1988), sobre as condições historicamente construídas em torno da mulher, quando afirma que “as mulheres não são passivas nem submissas, à miséria, à opressão, à dominação.

¹⁹ Thompson (1992) mostra ainda como as pesquisas podem ser mais ricas, a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização da pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um poder a memória de muitos.

²⁰ Thompson(1992) o objetivo da entrevista é a subjetividade do indivíduo.

²¹ Cf., PERROT, Michelle em sua obra *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros*.

Por reais que sejam, não bastam para contar a sua história” (PERROT, 1988, p. 122).

Os estudos históricos brasileiros vêm se objetivando no sentido de afirmar o universo social dos marginalizados por condições sociais, raciais e sexuais, trazendo as novas experiências femininas e as representações em torno das mulheres reconhecendo-as como sujeitos ativos na produção da memória histórica.

Segundo Rachel Soihet²², as dificuldades que o historiador encontra ao pesquisar sobre a história que envolve as mulheres e do gênero, perpassa mais sobre a fragmentação do que propriamente a falta feminina nos documentos e fontes já escritas. No entanto, faz-se necessário ler nas entrelinhas dos documentos e perceber o que está oculto nestes.

Estudos recente²³ confirmam que, com a revisão dos documentos produzidos nos espaços privados, é considerável que o poder não se limita ou limitava apenas ao homem, fato esse que se torna possível com a Nova História, proporcionando uma reflexão elaborada, afirmando que o poder não está presente apenas no âmbito público. As fontes demonstraram os contra poderes exercidos pelas mulheres nos domicílios de forma camuflada, na família, nos interiores das comunidades rurais ou urbanas.

Com a releitura das fontes é provável que possa se chegar a contestar as fontes tradicionais. Elas referem-se a temas que envolvem expressões culturais, modos de vida, relações pessoais, redes familiares, étnicas, vínculos afetivos, modos e formas de comunicação e transmissão de tradições, além das lutas e resistências até então marginalizadas nos conhecimentos acerca da condição social das mulheres. Para isso o pesquisador necessita despir-se de si mesmo, buscando a face oculta das fontes que dão sentido a sociedade.

O uso da metodologia em História Oral para obtenção de fontes de pesquisa científica tem sido cada vez mais frequente, seja para o registro de memórias, seja para a reconstituição de acontecimentos e experiências, sejam elas individuais, coletivas, ou de instituições, possibilitando reflexão sobre memórias, gênero, identidades e instituições que fazem parte do nosso mundo.

Nesse sentido, a História Oral é vista como chance de compreender um grupo, a partir de experiências e versões particulares por meio da realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram e testemunharam determinados fatos. Como já foi dito, observa-se ainda que a memória não é um fenômeno de interiorização individual, mas sim uma construção social e um fenômeno coletivo, modelada pelos próprios grupos sociais.

²² Cf., Rachel Soihet. *Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas*.

²³ Eni de Mesquita Samara em *A história da família no Brasil* e Gilberto Freire, *Casa Grande & Senzala*.

As atividades das organizações sejam estas educacionais ou não, e sua inserção na sociedade têm repercussões diversas a partir das experiências e buscam identificar elementos contemporâneos da vida social cotidiana cuja intenção constituiu-se segundo uma análise das variáveis socioculturais e históricas.

Na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar questões, incitar, porém não pode oferecer as respostas prontas. Pode-se perceber a grande diversidade da história oral, tanto no que diz respeito àqueles que a praticam como às concepções que a usam com embasamento.

Ainda assim, é imperativo o uso desse campo, bem como, sua importância para as pesquisas em história do tempo presente. As pesquisas em história oral estimulam uma discussão interdisciplinar entre historiadores, sociólogos, antropólogos, líderes comunitários, psicólogos e etc. Logo, concluímos que os historiadores da oralidade abrem possibilidades de ampliar nossos conhecimentos acerca das relações entre história e memória, assim como dos imaginários e mentalidades individuais.

Contemporaneamente há estudos que envolvem gênero. Nesse bojo está inserida a autora Mary Del Priore, com sua obra “História das Mulheres no Brasil”²⁴ que contribui bastante para a disseminação de estudos que envolvem a mulher. Portanto, é a partir de lutas íntimas que as mulheres iniciam um questionamento quanto à realidade social, criando os primeiros movimentos feministas, marcados por uma grande diversidade de reivindicações.

Um dos trechos que mais chama atenção na obra de Mary Del Priore, está transcrito a seguir:

Não nos interessa, aqui, fazer uma história que apenas conte a saga de heroínas ou de mártires: isto seria de um terrível anacronismo. Trata-se, sim, de focar as mulheres através das tensões e das contradições que se estabeleceram em diferentes épocas, entre elas e seu tempo, entre elas e as sociedades nas quais estavam inseridas. Trata-se de desvendar as intrincadas relações entre a mulher, o grupo e o fato, mostrando como o ser social, que ela é, articula-se com o fato social que ela também fabrica e do qual faz parte integrante. As transformações da cultura e as mudanças de ideias nascem das dificuldades que são simultaneamente aquelas de uma época e as de cada indivíduo histórico, homem ou mulher (PRIORE, 2011, p. 9).

No decorrer dos séculos, grandes avanços foram alcançados no que se refere ao

²⁴ O livro narra alguns fatos desde os tempos coloniais. Sempre com foco no elemento feminino, traz uma abordagem mais cultural da história da mulher, apresentando fontes históricas alternativas, como, por exemplo, a história oral, a cultura popular.

reconhecimento dos direitos da mulher²⁵. As mulheres conseguiram certa emancipação e liberdade que permitiram a elas o que antes era impensável. A discriminação no que se refere à mulher continua viva, começando pelo seu espaço no mercado de trabalho e nas universidades, sua capacidade civil e política e até sua liberdade de dispor sobre o próprio corpo²⁶.

No entanto, apesar das diversas conquistas do movimento feminista nos últimos tempos, ainda hoje pode-se observar um padrão de opressão. É o que aponta as pesquisas feitas pelo IBGE Gênero, 2014²⁷. De acordo com o citado órgão, há um crescente aumento da desigualdade entre homens e mulheres no mercado formal de trabalho.

O preconceito contra mulher atinge a todas, de forma mais ou menos intensa, o que revela a existência deste padrão de controle e dominação patriarcal nas estruturas sociais, políticas e econômicas de diferentes contextos. Ainda vive-se em sociedades machistas e sexistas em que a violência de gênero não ocorre apenas de maneira explícita, sob forma de violências físicas. Uma das grandes dificuldades atuais é, justamente, reconhecer a violência que se oculta nestas estruturas.

O preconceito contra a mulher está tão disseminado nas mais diversas instituições que, muitas vezes, não se percebe sua presença. As mulheres vivenciam vários tipos de assédio diariamente, assédio este tratado com naturalidade, como se algumas mulheres merecessem este tratamento indigno, como se alguns assédios e insultos fossem, na realidade, elogios. Esta violência silenciosa demonstra o quanto o machismo e o patriarcalismo está presente nas relações de poder e o quanto ele é vivo na sociedade.

E o grande problema da naturalização do machismo é: como enfrentá-lo se, muitas vezes, ele transita invisível nos meios sociais e políticos? Nas camadas mais baixas, onde se encontra a mulher sem educação, sem estudo necessário para no mínimo lutar pelos seus direitos. A educação certamente é o primeiro passo a se tomar para se desvelar esta forma de preconceito e dominação. Ao se marginalizar e inferiorizar a mulher, termina-se por excluí-las de espaços sociais e políticos. Assim, desnudar esta forma de dominação implícita configurar, certas medidas como um meio para sua emancipação.

O estudo sobre a mulher se faz necessário; permite notar as transformações ocorridas e entender como chegou-se a este momento histórico, visto que hoje é o resultado daquilo que

²⁵ Lei Maria da Penha, Licença Maternidade, Direito à voto.

²⁶ KOLONTAI, Alexandra. *A mulher e a nova moral sexual*. Ver referência.

²⁷ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/aumenta-desigualdade-entre-homens-mulheres-nomercado-formal-de-trabalho-aponta-ibge-14414312>>. Acesso em 21 de nov. de 2014.

viveu-se anteriormente. É importante pesquisar também sobre as mulheres do interior do país. São mulheres que possuem experiências valiosas. Acontece que os estudos, as grandes obras relatam principalmente as mulheres das grandes cidades²⁸.

Com o início das pesquisas é possível conhecer a mulher do interior; essa mulher também possui memória social. Por exemplo, na cidade de São Bernardo-MA, não há registro sobre a memória das mulheres; é claro que as mulheres de São Bernardo muito contribuíram e contribuem para a memória social local.

Não pretende-se aqui fazer um resumo sobre a história das mulheres de São Bernardo. Se busca, sim, apreender as percepções, os medos, as aspirações e as preocupações de um conjunto de mulheres entrevistadas, visto que, o que se passa hoje é diferente do que se passou no século passado. Atualmente, na maioria dos casos relatados, não existe possibilidade de mobilidade social para as mulheres; fato este intrinsecamente ligado com as experiências vividas na família e na sociedade, palco de observação que traz a luz de suas experiências, ricas e cheias de mistérios. Indicando avanços²⁹ e retrocessos³⁰, as mulheres têm muito que alcançar.

A crítica cuidadosa da história das mulheres necessita de ponderações sobre os aspectos relacionais entre os sexos, na qual a visão de gênero não se limite a ver a mulher como um apêndice do homem³¹. A pesquisa como forma de análise da constituição de sujeitos históricos e suas práticas diárias, coopera para a superação do discurso da escassez de fatos, permitindo o reconhecimento da mulher na formação da sociedade, suas lutas, bem como a relação espaço, tempo, tal como afirma (SALVATICI, 2000, p. 31-32).

As vozes de mulheres captadas pelas entrevistas proporcionaram um passado (...) como se as palavras de milhares de mulheres fossem as suas palavras, ou as palavras de grupos oprimidos pelos quais estavam lutando. Faz-se necessárias pesquisas, onde as mulheres sejam reconhecidas, visualizadas, independentemente da posição social que ocupa. Recontar histórias de experiências femininas por outros ângulos e estâncias sociais, que não sejam meramente de

²⁸ Maria Odila Leite da Silva Dias, com o livro *Quotidiano e Poder* em São Paulo no século XIX. Também podem ser citados *Do cabaré ao Lar* de Margareth Rago, que trata da participação da mulher operária no século XIX e suas opressões, publicado em 1985; *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros* de Miriam Moreira Leite, publicado em 1984.

²⁹ Entre os avanços sociais da Lei, um dos mais importantes em termos protetivos é a caracterização da violência psicológica como violência doméstica. A Lei Maria da Penha define qualquer ação ou omissão baseada no gênero que cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico, dano moral ou matrimonial como formas de violência doméstica, foi promulgada em 7 de agosto e 2006.

³⁰ Embora represente tantos avanços, a Lei Maria da Penha vem sofrendo diversos ataques que podem intervir em sua eficácia ou até mesmo extinguir a lei, como pedido de modificação da lei, propostas no Senado são lançadas para invalidar e diminuir a eficácia da lei.

³¹ Conceito aplicado por Simone de Beauvoir na sua obra *O Segundo Sexo*, apenas para integrar a história do homem.

oposição ao masculino, buscando rever conceitos como o da mulher oprimida, passiva e coitada.

Michelle Perrot³² expõe em sua obra a questão da participação das mulheres nas greves operárias, fruto de suas primeiras pesquisas acerca dessas mobilizações sociais; a atuação das donas de casa populares e as representações que elas produzem nos grupos sociais; a inserção e a movimentação de alguns grupos de mulheres nas cidades; as atividades associativas das quais participam, com destaque para a filantropia e os espaços onde constroem suas sociabilidades e as formas de trabalho que lhe são permitidas.

De tal modo possibilitando explicar que as mulheres não são tão passivas quanto costumava se imaginar, mas que na verdade, elas possuem uma forma de atuação que lhes é particular, que foi moldada de acordo com as suas vivências históricas. Todos esses temas desenvolvidos por Perrot envolvem as relações de poderes estabelecidas entre os sexos e a atuação das mulheres em cada um dos espaços que se diferenciam no século XIX, o público e o privado, tornando possível o aparecimento da mulher na historiografia.

Estudos sobre a família contribuíram para o desenvolvimento do interesse acerca da temática mulher. Eni de Mesquita Samara, vem revelando o fortalecimento expressivo desse interesse, e têm problematizado este modelo genérico de família. Em sua obra “A família brasileira”, levanta uma gama de análises, problemas e debates para uma revisão e possibilitando outra visão da família brasileira moderna. Autores como Oliveira Viana – “Populações Meridionais do Brasil” e Gilberto Freire – “Casa Grande & Senzala”, foram pioneiros no estudo da família no Brasil.

Estudos sobre a vida privada³³, as práticas cotidianas permitem a inclusão das mulheres como sujeito da história. Pluralizam-se os objetos da investigação histórica, e, nesse bojo, as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história (PERROT, 1988).

Vale ressaltar aqui a escassez de fontes no que se refere a história das mulheres do município de São Bernardo; dificuldade esta encontrada em âmbito geral. As mulheres sempre foram silenciadas pela história; é papel do historiador buscar meios que possa registrar a luta, fazer conhecida a trajetória de mulheres que vivem em locais desprivilegiados e, mesmo assim, contribuir para a formação do povo brasileiro, desviando-se do que já está posto socialmente, a mulher submissa e o homem dominador, o espaço privado para mulher e o espaço público

³² *Os excluídos da história* (1988).

³³ Cf., *História da vida privada*, vol. 2, São Paulo: Ed. Schwarcz, 1997. Nesta coletânea autores consagrados dos diferentes ramos do conhecimento trazem ricas contribuições à compreensão e interpretação da sociedade brasileira contemporânea.

para o homem.

A história oral, enquanto método e prática do campo de conhecimento histórico reconhece que as trajetórias dos indivíduos e dos grupos merecem ser ouvidas. Também as especificidades de cada sociedade devem ser conhecidas e respeitadas por todos, sejam homens sejam mulheres. A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras (THOMPSON, 1992, p. 337).

2.1 Um breve histórico do município de São Bernardo-MA

A atmosfera da pesquisa em questão ocorre no município de São Bernardo-MA. De acordo com IBGE 2010³⁴, o número de habitantes do referido município era de 27.599. Permanece a tradição de que as primeiras investidas no território municipal se processaram através dos padres jesuítas, no século XVIII. A cidade está localizada à margem de um pequeno rio a que deram o nome de Buriti. Entretanto, nada se pode afirmar categoricamente, em vista da ausência de documentação.

Devassado o território, deu-se início à exploração das terras, por demais férteis, através da intensificação da agricultura e da pecuária que, mesmo nos dias presentes, continuam a se constituir nas principais fontes de riqueza municipal, incluindo bolsa família e previdência social dos idosos. Segundo o censo IBGE 2010³⁵ a população feminina era composta por 13.366 habitantes e a população masculina de 13.114. Percebe-se nesses dados o maior número de mulheres em relação aos homens.

A mulher sempre foi um ser negligenciado na história. As entrevistas foram aplicadas em mulheres de diferentes idades; mulheres que possuíam ou não vínculo matrimonial, buscando apreender e perceber a forma como agem, o que pensam da mulher atual e saber se elas notam essa mudança de papel e valores que as envolve. Visando o anonimato e a proteção das mesmas, seus nomes não serão divulgados. Para a identificação das mesmas utilizar-se-á a nomenclatura Grupo 1 e Grupo 2.

O nível de escolarização é um fator muito importante. Devido à falta de uma maior frequência escolar, a mulher, nesse caso, tem uma maior tendência para a maternidade sem

³⁴ Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=211060&search=maranhao|sao-bernardo.>>
Acesso em 12 de nov. de 2014.

³⁵ Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_maranhao.pdf >.
Acesso em 12 de nov. de 2014.

planejamento. Fator esse que priva a mulher de desenvolver atividades no âmbito público. Esse quesito, juntamente com a educação extremamente machista, tem condicionado as mulheres a viver ainda hoje sem identidade, totalmente desprovida de ideais particulares, e o pior, não percebem outra maneira de viver, já que sempre foi assim.

As mulheres em pleno século XXI na cidade de São Bernardo, em sua grande maioria ainda não usufruíram dessas mudanças na vida e na sociedade. Percebe-se que o nível de escolarização é muito baixo, além de não haver políticas públicas voltadas para a emancipação, tanto do homem quanto da mulher. A maioria das mulheres engravida e casa muito cedo, o que, conseqüentemente, levando-as a exclusivamente cuidar dos filhos, deixando a vida acadêmica e profissional em segundo plano.

As mudanças ocorridas nos grandes centros, onde a mulher já é independente (estuda, casa, trabalha, namora) e desempenha papéis inimagináveis para esse grupo de mulheres analisadas, estão muito distantes, enquanto outras têm alto nível de instrução e ocupa espaços privilegiados como é o caso da Presidente Dilma, reeleita recentemente.

Muitos são os resultados alcançados pelas mulheres, mas tem-se muito pelo que lutar. O preconceito, a discriminação, a violência, as desigualdades sociais ainda são um tormento que atingem a mulher de forma devastadora. O modelo de mulher independente, altamente competente é geralmente difundido nas classes média e alta, o que revela que um dos principais fatores que possibilitam a emancipação é a segurança financeira, isso é fato. Economicamente garantida, a mulher pode se sentir à vontade para fazer suas próprias escolhas, tais como: viajar, ter um emprego que a realize profissionalmente, compor uma família, se assim for o seu desejo individual.

Deduz-se, portanto, que, pertencer a uma classe baixa favorece a opressão em relação a mulher, que é o caso das mulheres que foram analisadas nessa pesquisa. São mulheres que trabalham informalmente, apenas para ajudar nas despesas da família. Vive grande parte do auxílio do Programa Bolsa Família. Algumas arcam com as despesas familiares na sua totalidade. Apenas cinco das mulheres entrevistadas trabalham em serviço formal. Algo sempre presente, foi o fato de casar-se muito jovem e sem nenhum tipo de orientação sobre o casamento; a permanência do casamento quase sempre um sacrifício, justificado pelo sonho de criar os filhos, juntamente com o pai, para não sofrer sanções sociais, já que o preconceito diante das mulheres divorciadas ainda existe.

É nesse bojo de acontecimentos que identificou-se as diferentes concepções e experiências femininas, acerca do casamento, da família, da maternidade e do mercado de trabalho, entre mulheres na faixa etária de quatorze a oitenta e seis anos de idade. Foi possível

verificar a interferência de fatores como renda, escolaridade, local de moradia, estado civil nessas concepções. Um fator está interligado diretamente ao outro.

Desse modo, possibilitando a comparação e significados, identificando padrões de alterações históricas entre as décadas privilegiadas pelo corte cronológico, já que foram entrevistadas mulheres que viveram as transformações, ainda que em pequeno grau, percebendo as permanências e rupturas no modo como as mulheres entrevistadas entendem as modificações ao longo de sua experiência.

A maternidade na contemporaneidade compõe-se de grandes polêmicas e posições contrastantes, embora ofereça condições que amparam a mãe e os cuidados com o bebê, o que implica na facilidade, pelo menos aparente, de desenvolver a função materna.

As condições de vida na localidade tendem a colocar em choque a visão tradicional, do que se espera da atividade materna, com as condições atuais da mulher na sociedade e na família, prevalecendo o grande número de filhos por mulheres, o que significa a falta planejamento familiar, resultando em famílias vivendo em situação precária.

A maioria das mulheres não possui emprego formal. Apenas no emprego formal é possível a garantia dos direitos que possibilitam o cuidado da mãe para com o filho. Uma das entrevistadas relatou que é mais fácil conseguir emprego sem filhos. Segundo ela, quem tem filhos tende a faltar ou se ausentar frequentemente do trabalho. Contudo, compreende-se que, para as mulheres entrevistadas, há grande dificuldade no que diz respeito ao trabalho. Os filhos ficam com as avós ou os filhos mais velhos cuidam dos mais novos.

Meus três filhos ficam com minha mãe que já é idosa, não dá mais pra ela cuidar de crianças. Quando elas ficam doente eu tenho que faltar no trabalho, isso prejudica. Às vezes é melhor ficar em casa mesmo, cuidando dos filhos e da casa. Não vale nem a pena sair de casa, o salário é muito pequeno (Grupo 1, Maria 28 anos).

A entrevistada afirma que é complicado trabalhar quando tem filhos pequenos, principalmente quando o salário não compensa. As dificuldades são grandes, conseqüentemente submetendo as mulheres ao espaço privado. As mulheres de São Bernardo-MA tentam ajudar no sustento familiar, assumem o papel de chefe da família, em alguns casos toma para si grandes responsabilidades que inclui cuidar da casa, dos filhos, trabalhar fora em empregos informais, ganhando muito pouco.

Vale ressaltar o desejo dessas mulheres em buscar o melhor para si e para seus filhos, visando sempre a unidade da família. Mulheres pobres e negras são discriminadas duplamente. Também são discriminadas as mulheres rurais e as que não conseguem enfrentar o cotidiano

da violência doméstica, etc.

Elisabeth Lobo³⁶ em sua obra “A classe operária tem dois sexos: Trabalho dominação e resistência” dá uma contribuição muito importante para entendimento da história das mulheres. Ela foi uma das primeiras estudiosas brasileiras que trabalhou com o conceito de gênero, ao ampliar a análise da situação das mulheres para entendê-la na conexão entre os modos de vida e inserção social de cada sexo. A mesma efetuou sua pesquisa no meio da Classe Operária. Assim, no livro encontrou-se aquele momento histórico em que foi escrito e questões cruciais, no que diz respeito à história e luta das mulheres, incluindo a luta das mulheres operárias em São Bernardo do Campo. Seu interesse analítico e seu compromisso com as transformações reais na vida das mulheres e na vida social e política brasileira, muito acrescentou para uma parte da história das mulheres no Brasil.

Outra pesquisa de grande valia para este trabalho, refere-se ao tema “Ser mulher mãe e pobre”, da pesquisadora Claudia Fonseca. A pesquisa retrata a história da mulher pobre no Brasil. Com a pesquisa realizada através de documentos localizados no Arquivo Público de Porto Alegre-RS (1981-1983), indica que a mulher não conseguia ter profissão reconhecida e muitas delas eram suspeitas de serem mulheres prostitutas, e eram vigiadas pelos maridos e pela sociedade. O tratamento de inferioridade, o assédio sexual pelos seus próprios patrões ou qualquer homem poderoso da época, a obediência e total submissão aos maridos deixava a mulher numa situação de abandono e desprovida dos direitos perante a justiça e a sociedade, porque não tinha onde morar, se caso viesse separar do marido. São algumas obras que contribuem para o aparecimento da mulher na história.

³⁶ Cf., LOBO, Elisabeth, *A classe operária tem dois sexos*. Ver referência.

3 EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO FEMININO EM SÃO BERNARDO-MA

3.1 Percurso metodológico

A metodologia aqui utilizada pauta-se na pesquisa historiográfica. Desse modo, foi realizada uma pesquisa de campo³⁷ com uso de questionários. O público alvo foram mulheres residentes no município de São Bernardo-MA, zona urbana e zona rural, que possuem experiência familiar, mães solteiras, chefes de família, mulheres que trabalham fora para ajudar nas despesas de casa, ou que ainda não casaram e tiveram filhos. O corte cronológico deu-se no período compreendido entre 1928 a 2000, data de nascimento das mulheres entrevistadas. Para a produção da citada pesquisa, contou-se com a colaboração de trinta e cinco sujeitos de pesquisa.

A referida pesquisa de campo implicou abordar todas as questões do cotidiano da mulher: maternidade, violência, sexualidade, casamento, lutas por direitos, conquistas dos espaços públicos e privados, até as condições e aspirações femininas nos dias atuais, especificamente na cidade de São Bernardo-MA³⁸. Fazer ouvir as vozes das mulheres significa trazer à tona a própria percepção delas sobre si mesma, sobre seu comportamento, bem como a mudança ou não do papel da mulher na sociedade.

É importante ressaltar que para construir esses estudos foi preciso recorrer às novas fontes, enquetes, a própria reação das mesmas ao serem entrevistadas, emergindo assim mulheres, ora submissa ao homem, ora independente, menos recolhida ao lar, mulheres que dentro dos seus limites lutam pela sua sobrevivência e reivindicam por seus direitos, permitiu analisar essas questões, visando resgatar a memória social das mulheres do município de São Bernardo-MA.

Através dos questionários e entrevistas foram observadas mudanças, permanências de valores e experiências de mulheres na sociedade ao longo de oitenta e seis anos, visto que as mulheres entrevistadas apresentam quase um século de experiência, contribuindo de forma significativa para realização deste trabalho. A pesquisa de campo permitiu entender que apenas ao analisar é possível chegar à apreensão dos sentimentos e resgate da história particular de

³⁷ Uma pesquisa ou investigação é um processo sistemático para a construção do conhecimento humano, gerando novos conhecimentos, podendo também desenvolver, colaborar, reproduzir, refutar, ampliar, detalhar, atualizar, algum conhecimento pré-existente, servindo basicamente tanto para o indivíduo ou grupo de indivíduos que a realiza quanto para a sociedade na qual esta se desenvolve.

³⁸ São Bernardo-MA é um município brasileiro do estado do Maranhão. Localiza-se a uma latitude 03°21'41" sul e a uma longitude 42°25'04" oeste, estando a uma altitude de 43 metros. Sua população é de 27.599 habitantes, segundo estimativa do IBGE em 2010. Possui área de 1.228,34 km².

cada uma das entrevistadas, com ênfase nas permanências e rupturas.

O objetivo deste trabalho é elucidar acerca do papel da mulher na sociedade e na família. O uso dos depoimentos como fonte de embasamento trouxe a dimensão viva, novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos diversos, não apenas os escritos, pré-estabelecidos. Intui-se logo a importância da história oral nesta pesquisa como optou-se no capítulo anterior.

A preferência pela investigação das mulheres do município de São Bernardo-MA é uma tentativa de contribuir para a análise da composição de uma realidade plural e multifacetada que é a sociedade brasileira. Para isso, ver, ouvir, o dia-a-dia e dar voz às mulheres que lá habitam, é uma estratégia metodológica fundamental para compreender uma realidade tão fragmentada, apontando as características peculiares de pequenas cidades como a investigada.

O objetivo dos questionários foi identificar as diferentes concepções e experiências femininas acerca do casamento, da família, da maternidade e do mercado de trabalho³⁹ entre as mulheres da faixa etária entre quatorze a oitenta e seis anos, investigando escolaridade, estado civil, se possuíam filhos, onde residiam (zona urbana e rural), quantidade de moradores na residência, renda familiar, e dificuldades encontradas para trabalhar.

Também a visão que as mesmas possuem de mulheres que cumprem o papel estabelecido pela sociedade, referindo-se as mulheres que decidem não casar e não ter filhos. Buscou-se também apreender a visão do papel do homem e da mulher na família e na sociedade, promovendo as diferentes concepções e experiências femininas, indicando permanências e rupturas no modo como as mulheres entrevistadas entendem as modificações ao longo de sua experiência. A maioria dessas mulheres entrevistadas é constituída por aposentadas, ou participantes de algum programa do governo, como Bolsa Família⁴⁰, possuem emprego informal e sua minoria percebe pouco mais de 1 salário mínimo.

O desafio da presente pesquisa é contribuir para a discussão de gênero e buscar o conhecimento da forma como a mulher é percebida na sociedade como um todo. A importância dessa discussão é debater questionamentos que envolvam gênero e, dessa forma, fazer conhecida a história de algumas mulheres, sem generalizações, analisando as transformações, significados e papel da mulher na família e no seu convívio social, aproveitando-se das suas experiências para elucidação das problemáticas surgidas no seu cotidiano.

³⁹ O ingresso feminino no mercado de trabalho está associado a uma diversidade de questões que incluem o processo de urbanização, industrialização, consumo, emancipação feminina, e pobreza.

⁴⁰ Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país.

A opção por explorar apenas as experiências vivenciadas por trinta e cinco mulheres se explica em função do curto espaço de tempo que se dispunha para análise das entrevistas. Para a efetivação das entrevistas, a escolha dos sujeitos pesquisados se deu através de visitas nas suas residências, nos seus locais de trabalho, na estação rodoviária, através de conversas informais, uma vez que a convivência com as mulheres ocorre de forma permanente. Na pesquisa também foi utilizado o diário de campo, onde foram anotados os registros de observações e impressões acerca do objeto de estudo como sugere Thompson (1992).

As mulheres respondentes foram divididas em dois grupos. O Grupo 1, assim nomeado diz respeito às mulheres que possuem idade entre quatorze e trinta e nove anos (composto por dezoito mulheres); o Grupo 2 diz respeito às mulheres que possuem idade entre quarenta e oitenta e seis anos (composto por dezessete mulheres). A análise feita é de cunho qualitativo⁴¹. Amado e Ferreira (2002) relatam em sua obra que esse expediente é a melhor forma de interpretar, com uso da história oral, as relações sociais e regionais para entender processos históricos. Com a divisão em dois grupos foi possível uma comparação entre as duas grandezas propostas, enfatizando se houve ou não, mudanças no papel da mulher na experiência de vida das entrevistadas. A seguir, passou-se então à exploração da fala das mulheres entrevistadas.

3.2 A voz da mulher do município de São Bernardo-MA

Alexandra Kolontai (2011)⁴² compreende que a mulher tem modificado seu perfil de identidade no decorrer dos tempos. Com a pesquisa foi possível resgatar os sentimentos da mulher de 1928 e da mulher do século XXI. Deste modo, permitiu perceber como as mulheres entrevistadas percebem-se nessa dinâmica de mudança.

Nos grandes centros urbanos a presença feminina nos setores: social, político e econômico é constante. Através das pesquisas foi possível perceber como isso ocorre na cidade de São Bernardo-MA. Ao serem perguntadas sobre a opinião acerca do papel da mulher e do homem na sociedade todas as trinta e cinco mulheres afirmam que o papel do homem é sustentar a família e o papel da mulher é cuidar da casa. Isso implica dizer que o modo de pensar entre os dois grupos é igual. A seguir estão expostas as falas de duas entrevistadas, sendo uma do Grupo 1 e outra o Grupo 2.

⁴¹ AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. 4º Ed. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2001. p. 16

⁴² A mulher moderna (...) é necessariamente independentemente economicamente mas, mais que isso, constrói uma autonomia que estrutura sua individualidade, independentemente de suas relações familiares.

O homem deve presidir a família com amor e retidão tendo a responsabilidade de entender as necessidades de seus familiares. E a mulher o papel de cuidar dos filhos e da casa, sempre buscando o bem estar da família (Grupo 1, 21 anos).

O homem deve cuidar da família, trabalhar, sustentar a mulher, deve ter responsabilidade, fazer tudo pela família. A mulher deve cuidar do marido, dos filhos, da casa, a mulher deve respeitar o marido, ser honesta com marido. Nunca deve separar, tem que aguentar até que a morte separe. (Grupo 2, 84 anos).

Diante das afirmações obtidas pode se chegar à conclusão de que ambas as entrevistadas são da mesma opinião sobre os direitos e as obrigações das mulheres diante da família e da sociedade. Aqui existe uma unidade de pensamento entre a mulher do século XX e a mulher do século XXI. Percebeu-se também que a modernidade, onde homens e mulheres desempenham o mesmo papel, ainda não chegou, de fato, na cidade de São Bernardo. Fato esse que não está intrínseco nos depoimentos das entrevistadas.

Ainda discorrendo sobre as duas entrevistas, a mulher do Grupo 1 possui o ensino médio completo e a mulher do Grupo 2 é analfabeta, fator esse que não permitiu a mulher do Grupo 1 pensar de forma diferente da mulher do Grupo 2. Outro fator que permite esse pensamento é o fato que não receberam nenhum tipo de orientações sobre o casamento.

No decorrer da entrevista foi possível notar que tanto a mulher do Grupo 1 quanto a mulher do Grupo 2 percebem a modificação do papel da mulher na sociedade. As mesmas relatam que houveram muitas transformações no comportamento das mulheres através dos tempos. Salientam que antes as mulheres eram dominadas pelos homens servindo, muitas vezes de encravas. As depoentes afirmam que nos dias atuais as mulheres têm sua independência e podem planejar suas vidas da forma como imaginarem. Ainda comentam que houve uma significativa melhora com relação às conquistas das mulheres. “A mulher já é até presidente”, completa a depoente do Grupo 1, com trinta e nove anos de idade. Vale ressaltar que essa mesma mulher ao ser perguntada sobre o papel do homem e da mulher na sociedade, respondeu de forma tradicional, reafirmando que o homem deve trabalhar e a mulher cuidar da casa e do marido. Pode ser explicado pelo motivo de perceber que houve a mudança, porém não pôde usufruir, ligando a presença feminina na política e o reconhecimento nacional, realidade distante da que vive. Evidencia-se em outro relato de uma mulher do Grupo 2 ao declarar que:

Antes a mulher só cuidava do marido e filhos. Hoje não, isso é uma coisa boa; hoje tá mais fácil arranjar emprego, tem muitas coisas para sobreviver. (Grupo 2, 62 anos).

Os dois relatos tanto do Grupo 1 quanto do Grupo 2 revelam o entendimento dessas mulheres no que se refere à independência das mesmas, expondo que atualmente é mais fácil conseguir um emprego, porém, antes a mulher era exclusiva da casa. Ela percebe isso como algo que existe, mas não ocorre no cotidiano delas. Aqui revela-se uma mudança no aspecto psicológico da mulher (KOLONTAI, 2011)⁴³.

Outro dado importante é o fato de que vinte e três, das trinta e cinco entrevistadas ter recebido orientações sobre o casamento no seguinte teor:

Casamento é para a vida toda, a mulher tem que ser submissa ao homem. (Grupo 2, 60 anos).

A outra entrevistada diz o seguinte:

Casamento é coisa séria, se casar não pode separar, é para vida toda (Grupo 1, 22 anos).

Não há diferença na forma como essas duas mulheres receberam orientação. De acordo com as orientações que lhes foram imputadas, as mesmas percebiam que a mulher deveria ser submissa ao homem, reproduzindo no seu casamento o costume repassado pelo próprio casamento de suas mães.

As outras doze mulheres respondentes não receberam orientações sobre o casamento. Afirmaram que o aprendizado deu-se através das etapas vivenciadas durante o casamento. Esta tradição ou costume, pode ser percebida nos relatos transmitidos de mãe para filha. As mulheres receberam orientações sobre o casamento sempre no intuito de enfatizar a submissão ao marido. Uma das entrevistadas é mais enfática ao relatar sobre os conselhos da sua mãe, como segue:

Vocês estão vendo a minha vida com o pai de vocês, vocês aguentem, não separem, homem é assim mesmo, importante é ele trabalhar para dar de comer para vocês (Grupo 2, 86 anos).

A falta de conhecimento sobre as responsabilidades do casamento, juntamente com o fato de conviver diariamente numa família em que a mulher é submissa, reforça a continuação de desigualdade de gênero.

Ao serem indagadas se as mesmas repassaram algum tipo de orientação sobre o casamento para suas filhas ou filhos, apenas treze entrevistadas do grupo 2 responderam

⁴³ Kolontai observa essa mudança quando o grande capitalismo obrigou também a mulher a adaptar-se à nova realidade que a permeia, no caso iniciou-se com a necessidade de industrialização e mão de obra feminina.

afirmativamente. Abaixo encontram-se algumas respostas obtidas sobre a questão em foco:

Ande direito, trabalhe, dê bom exemplo para os filhos, cuide do marido. (Grupo 2, 70 anos).

Cuidar do marido, não tratar mal, ser companheira e cuidar dos filhos. (Grupo 1, 39 anos).

Aqui percebe-se que tanto a mulher do grupo 1 quanto a mulher do grupo 2 deram orientações que reforçam o papel do homem de responsável exclusivo pelos deveres domésticos com relação ao sustento da família, fato esse que, provavelmente suas filhas também poderão repassar para os nascerem. Dar orientações sobre o casamento é um fator que pode ser decisivo na hora da perpetuação dos costumes. As mulheres do Grupo 1 e do Grupo 2 passaram orientações para suas filhas, as quais influenciaram na perpetuação dos costumes daquela sociedade. Cada vez mais essas mulheres estão destinadas ao lar, ao privado. (SAMARA, 2004)⁴⁴.

O estudo das relações de gênero na sociedade retrata a transformação que vem passando a história nos últimos tempos, quando as pesquisas sobre a mulher adquiriram notoriedade. A instituição familiar vem sofrendo grandes modificações, interpretadas ingenuamente como crise, como se já tivesse sido estável em outro período. Dessa forma, estudar a dissolução da família em épocas diferentes se faz necessário, considerando, assim, dois aspectos: rupturas e continuidade das relações sociais.

Do início da colonização brasileira até meados do século XX, a mulher devia obediência por ser considerada inferior ao homem. Em primeiro plano ao pai... depois ao marido, a quem seria entregue preparada para assumir seu papel de esposa recatada e submissa. A moral da mulher tinha que ser pura, resguardando-se a virgindade com o objetivo único do casamento. Esse fato explica a fala das entrevistadas que acreditam no modelo de família patriarcal. Eni de Mesquita Samara alerta sobre o casamento na época do Brasil colônia, ao indicar o modelo de família patriarcal:

Esse modelo de estrutura familiar necessariamente enfatizava a autoridade do marido, relegando à esposa um papel mais restrito ao âmbito da família. As mulheres depois de casadas passavam da tutela do pai para a do marido, cuidando dos filhos e da casa no desempenho da função doméstica que lhes estava reservada. Monocultura, latifúndio e mão de obra escrava reforçavam

⁴⁴ Eni de Mesquita Samara observa que a estrutura familiar colonial enfatizava a autoridade do marido e reforçava o lugar da mulher ao âmbito privado.

essa situação, ou seja, a da distribuição desigual de poderes no casamento, o que, conseqüentemente criou o mito da mulher submissa e do marido dominador, também impropriamente usado como válido para toda sociedade brasileira até o século XIX (SAMARA, 2004. p. 14).

As respondentes do grupo 1, ao serem indagadas se, de alguma forma, realizavam atividades laborais que não fossem as práticas domésticas, doze das entrevistadas afirmaram que realizavam atividades paralelas para ajudar o esposo no sustento da casa, uma vez que os rendimentos percebidos pelo companheiro não eram suficientes para arcar com todas as despesas. Das doze que responderam afirmativamente, quatro delas trabalham com carteira assinada e 8 trabalham desenvolvendo atividades tais como: venda de produtos diversos (lanches, cosméticos, confecções, dentre outros). Outras trabalham produzindo confecções em geral.

Percebe-se, dessa forma, que algumas desenvolvem outras atividades, pois existe uma necessidade de cumprir dupla jornada que envolve trabalhar fora e cuidar da família. As outras seis do Grupo 1 não trabalham por não encontrar emprego disponível e por terem filhos que exigem cuidados maternos e também por não terem pessoas disponíveis para cuidar dos filhos enquanto a mesma possa exercer outra função que não a doméstica.

Em relação ao Grupo 2, oito das entrevistadas trabalham em atividades paralelas as do lar, visando contribuir para o sustento da família. Nove delas não desempenham qualquer atividade extra casa; três das mulheres entrevistadas dependem exclusivamente dos maridos e seis dependem de auxílios do governo. Percebe-se um fator de renda muito baixo, e o nível de escolaridade termina por interferir, impedindo que essas mulheres possam alcançar uma independência financeira.

Outro fator essencial é a educação que receberam sobre a independência financeira. De acordo com resultado obtido referente à essa questão, no Grupo 1, seis mulheres foram educadas para serem independentes financeiramente; doze delas não tiveram qualquer orientação nesse sentido.

Já no Grupo 2, oito não perceberam nenhuma informação sobre ser independente financeiramente; nove delas responderam que tiveram sim orientações sobre os procedimentos para que se tornassem bem sucedidas financeiramente.

Os resultados obtidos sobre a questão em evidência refletem que, apesar de quinze das entrevistadas possuírem conhecimentos sobre a parte financeira, os quais as levariam a serem independentes, apenas quatro, de um total de trinta e cinco, têm um emprego com carteira assinada; as demais são trabalhadoras que se mantêm no mundo informal e percebem baixa

remuneração, além de se submeterem a precárias condições de trabalho.

Ainda em relação ao trabalho, quando foi perguntado sobre o que é mais importante: casar e ter filhos ou trabalhar e ter estabilidade financeira, de acordo com o Grupo 1, dez entrevistadas disseram que é mais importante trabalhar e ter estabilidade financeira, cinco disseram que é mais importante casar e ter filhos e três optaram por dizer que ambos são importantes.

No Grupo 2, cinco mulheres afirmaram que é mais importante trabalhar e ter estabilidade financeira; onze disseram que é mais importante casar e ter filhos e apenas uma optou por relatar que as duas grandezas são importantes. Percebe-se que as mulheres pertencentes ao grupo 1 são mais enfáticas em afirmar que a estabilidade financeira tem maior relevância do que casar e ter filhos. Essa disparidade se dar em virtude da faixa etária de cada grupo; enquanto que as respondentes do grupo 1 possuem idade menor que trinta e nove anos, as respondentes do grupo 2, tem idade superior a quarenta anos.

Como é possível perceber, a maioria das mulheres entrevistadas opinaram que a independência financeira para as suas vidas tem maior relevância do que a vida tradicional vivenciada pelas suas mães. Essas são mulheres mais jovens que, de alguma forma acompanham, através da mídia, as conquistas das mulheres nos dias atuais e já possuem um pensamento diferenciado das mulheres que têm idade superior a quarenta anos.

Para uma melhor elucidação do exposto, algumas falas das depoentes podem mensurar melhor sobre a percepção das mesmas acerca das mudanças ocorridas através dos tempos, sobre o papel da mulher na família e na sociedade:

Mudou muito, antes a mulher era submissa ao homem, hoje ela escreve sua própria história. Hoje vota, trabalha, não precisa casar se não quiser (Grupo 1, 28 anos).

Vale ressaltar que a referida entrevistada é casada, tem 1 filho e trabalha de carteira assinada, e diz pensar bem antes de ter outro filho. É perceptível que nessa mulher de vinte e oito anos existe a mentalidade sobre o planejamento familiar, tendo em vista as dificuldades que enfrenta no seu dia-a-dia. Já no grupo 2, essa mentalidade do planejamento familiar não existiu, tendo consequência o nascimento de um grande número de filhos, o que dificulta para encontrar trabalho, além das dificuldades de adquirir as necessidades básicas de sobrevivência.

Segundo Kolontai (2011), chegou-se à conclusão de que as mudanças ocorridas na família contemporânea tenham sido provocadas pelas mudanças de papéis e pela nova condição feminina. A autora diz que o trabalho feminino causou uma mudança significativa na vida

doméstica e na dinâmica familiar, trazendo reflexos para o vínculo entre o marido, mulher e filhos, dividindo as tarefas do lar e a educação com o marido. Contudo, após a implantação do capitalismo, a mulher teve que adapta-se às novas condições criadas pela realidade.

As mulheres mais velhas têm a consciência das mudanças ocorridas com relação ao papel da mulher na sociedade. Antes as mulheres nasciam e eram destinadas a ficar em casa, cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos; não estudavam, não podiam sair para trabalhar, não tinham independência nenhuma, diferentemente do que ocorre nos dias atuais. Uma das entrevistadas do grupo 2 foi enfática ao afirmar que:

A mulher tem obrigação de ser mãe, ser doméstica; no meu tempo as mulheres só saiam de casa para casar e para batizar os filhos.

Durante a entrevista percebeu-se que a respondente entende claramente as mudanças ocorridas, sobre as conquistas da mulher na sociedade, porém a mesma manteve a sua posição de que a mulher foi criada para ser a dona de casa submissa ao homem.

Já uma das entrevistadas do grupo 1 tem uma opinião totalmente diferente, quando afirma que:

No tempo da minha mãe era tudo mais difícil, as mulheres não podiam nem falar, nem procurar emprego, tinha que suportar os maus tratos do marido. Hoje é diferente, mulher tem opção de nem casar se quiser (Grupo 2, 23 anos).

De acordo com o relato apresentado por uma das mulheres foi possível notar a presença da violência⁴⁵ doméstica no seu relacionamento. A mesma tem dezoito anos de idade, é mãe solteira, não teve nenhum tipo de orientação sobre casamento e sexualidade, não concluiu os estudos e está morando atualmente com os pais.

Cheguei a viver com o pai do meu filho, separei porque não suportei a violência que sofria, prefiro criar minha filha sozinha. Só me juntei, não quis casar, pois se não desse certo cada um ia pro seu lado. Eles só querem a gente quando tão namorando, depois quer nem saber. Minha mãe disse para voltar pra casa, era melhor assim (Grupo 1, 18 anos).

Esse dado sinaliza que a mulher entrevistada teve a iniciativa de se separar e não viver com marido contra a sua vontade, sofrendo violência doméstica Outro dado importante é

⁴⁵ Ver notas anteriores: Estima-se que 2 milhões, a cada ano sofram. Elas vêm de todas as camadas sociais e possuem várias profissões e níveis de escolaridade

ausência do casamento civil. Com a justificativa que se não der certo não precisa divorciar, supostamente acreditam que seja mais fácil.

A depoente afirma ainda que antigamente a mulher que se separasse do marido era mal vista pela sociedade. Antigamente os pais não aceitavam a filha de volta para casa. Nos tempos atuais essas situações não são mais vivenciadas.

Uma das entrevistadas do grupo 2 relata que:

Minha mãe disse para quando eu casar, nunca separar, pois as pessoas iam falar de mim (Grupo 2, 42 anos).

Como pode-se notar, os pensamentos dos dois grupos, com idades etárias diferentes não contrários. Aqui existe uma situação em que a sociedade atual mostra-se mais complacente com relação a situação de separação das mulheres dos seus maridos. Isso demonstra a mudança de pensamento da sociedade através dos tempos.

As diferenças sociais entre homens e mulheres impostas pela sociedade, muitas vezes são utilizadas para justificar a discriminação e restringir a autonomia feminina, tanto em São Bernardo-MA, como em outras localidades. Por exercer o papel reprodutivo, as mulheres estão socialmente vinculadas ao cuidado com os filhos e com o lar. Mas, cabe sinalizar que o homem também é oprimido pelos padrões impostos pela sociedade, cabendo a tarefa de trabalhar para garantir o sustento da família.

O fato das mulheres possuírem características biológicas diferentes dos homens não deve servir como justificativa para manter uma relação de desigualdade entre ambos. Mendes⁴⁶ chega à seguinte conclusão ao investigar as mulheres chefes de família:

A situação de pobreza e miséria é um dos fatores que faz vir à tona a chefia feminina no tocante à provisão financeira feminina, o que não necessariamente está associada a uma questão de emancipação ou autonomia feminina, embora não signifique dizer que esta não esteja presente nesses casos. As mulheres provenientes das camadas mais pobres, por exemplo, moradoras de favelas, são na maioria motivadas a ingressarem no mercado de trabalho pela precária situação financeira vivida, por questões de sobrevivência, o que pode, em segundo plano, conduzi-las a autonomia e posturas emancipatórias (MENDES, 2002. p. 11).

Sobre o ponto de vista da mulher que tem filhos fora do casamento, todas as

⁴⁶ Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

entrevistadas afirmaram que é muito difícil criar filho sozinho. Porém, duas entrevistas chamaram atenção pelas respostas.

É difícil, pai e mãe têm que criar os filhos, os filhos precisam da educação dos dois (Grupo 1, 33 anos).

Não é certo a mulher ter filho sem o marido. A criança sofre muito, quem tem que criar é o pai e a mãe. É ruim mãe que solta os filhos na rua, criança tem que tá na escola (Grupo 2, 62 anos).

Ao analisar as duas falas, a mulher do primeiro grupo fala como alguém que tem experiência própria, que vive essa realidade, sente falta de alguém que ajude a educar o filho. Já a mulher do Grupo 2, que não sabe o que significa criar um filho sozinho, opina relatando que não é certo, quando diz que a mãe solta os filhos na rua. Deixa transparecer que uma mulher que cria o filho sem pai, é uma mulher sem responsabilidade, refletindo no pensamento tradicional em que as mulheres devem suportar os maus tratos oriundos do casamento.

Quando perguntada sobre a opinião delas acerca das mulheres chefes de família⁴⁷, todas disseram que são guerreiras, são fortes. A seguir estão expostas duas falas obtidas através da entrevista:

São mulheres independentes que assumem o papel que antes era só do homem, hoje ela assume melhor que os homens (Grupo 1, 28 anos).

É guerreira, mantém os filhos e a casa, minha mãe foi assim, cuidou da gente quando meu pai morreu (Grupo 2, 61 anos).

A mulher do Grupo 1 é casada, tem uma filha e apenas cuida da casa. Ela relata que deixou de trabalhar por causa de um problema de saúde da filha. Em sua fala, a respeito da independência da mulher, a mesma percebe que uma mulher independente é aquela que pode cuidar do sustento próprio e dos filhos. Ao afirmar que hoje as mulheres assumem o papel do homem, presume-se que antes era apenas o homem que trabalhava para o sustento da casa. Apesar de não ser independente financeiramente, a entrevistada chega à essa conclusão. Enquanto a mulher de sessenta e um anos pensa parecido, acredita que a mulher chefe de

⁴⁷ Montali (1998) também faz referência, em seu estudo, à crescente participação nos primeiros anos da década de 90 da mulher-cônjuge na renda familiar. Comenta ainda que nos rearranjos analisados elas passam a assumir parcela maior na composição da renda familiar, caracterizando por consequência uma redução do peso do chefe na renda familiar, um maior partilhamento dos componentes da família na manutenção do grupo familiar e a negação do modelo de família estruturado com base no modelo do chefe provedor.

família é uma guerreira, por conviver de perto com a mãe, presenciando as dificuldades de assumir a chefia da família e desempenhando papel importante na criação dos filhos.

O aumento da participação econômica das mulheres na família, mesmo que em ocupações de postos de trabalhos de menor qualificação, e pouco reconhecimento, é percebida na vida de uma das mulheres entrevistadas, conforme a seguir:

Meu marido não queria que eu trabalhasse, aí eu perguntei a ele, se ele tinha condição de me dá uma casa. A gente morava de favor no fundo da casa dos outros, aí eu fui trabalhar, fui ganhar o meu dinheiro (Grupo 2, 18 anos).

A referida entrevistada informa que conseguiu um trabalho em uma farmácia, exercendo o cargo de atendente, percebendo mensalmente o valor de R\$ 300,00 (trezentos reais). Informa ainda que apesar do baixo salário, torna-se mais compensador do que ficar em casa. O valor que essa mulher recebe é muito pouco; não dá para um sustento familiar. Ela sai de casa para trabalhar e termina sendo explorada. Fato esse justificado pela falta de qualificação profissional, ausência de oportunidades que proporcione atingir seu ideal de possuir um emprego que garanta seus direitos.

A questão da chefia feminina não está ligada a emancipação, mesmo que esteja presente nesse caso. Ao sair para trabalhar, as mulheres das camadas mais pobres inserem-se no mercado de trabalho por motivo de sobrevivência e não por emancipação, como aponta os dados da presente pesquisa.

A postura considerada tradicional ou conservadora, como acreditar que a mulher deve ser mãe e esposa, não deve ser entendida taxativamente como formas de aceitação, ou submissão feminina. Elas podem ser vistas como estratégias, pelas quais as mulheres processam o caminho da mudança, ou seja, sem transformações radicais e rupturas. Em São Bernardo isso ocorre de forma lenta.

Dez das entrevistadas assumiram a chefia da família, por motivo de separação ou morte do marido. De um modo geral observou-se a existência na alteração de comando de algumas famílias, como é o caso da entrevistada a seguir:

Tenho enfrentado muitas dificuldades, não é fácil criar filhos e cuidar da responsabilidade da casa sozinha, ainda bem que meus filhos me ajudam, eu não escolhi fui obrigada, quando meu marido foi embora (Grupo 2, 41 anos).

Identificou-se nesse relato o sentimento e a percepção que a torna chefe de família, não

por escolha, mas sim por um acaso que permite o aparecimento da mulher como chefe de família.

Quanto ao dever de sustentar a casa os dados apontam que trinta das mulheres pesquisadas afirmam que o dever de sustentar a casa é do homem, enquanto cinco afirmam que cabe aos dois (marido e mulher) a provisão do lar. Embora, as mulheres tenham sido inseridas no mercado de trabalho, e conquistado alguns espaços que até então era destinado aos homens, ainda tende a prevalecer à cultura que o sustento da casa é obrigação e/ou dever do homem, ou seja, se faz necessário desconstruir alguns papéis atribuídos a homens e mulheres a fim de romper com a desigualdade de gênero.

Assim como o sustento da casa não deve ser visto apenas como obrigação/dever do homem, as tarefas domésticas não devem ser vistas apenas como obrigação/dever das mulheres, pois o tempo que estas se dedicam a atividades domésticas se configura em consumo de força de trabalho e se ainda trabalham fora para colaborar com orçamento familiar, configura-se em dupla jornada de trabalho. Essa situação foi apontada como um grande problema para as mulheres pesquisadas, pois a dupla jornada de trabalho causa desgaste físico e psíquico.

Uma das entrevistadas do grupo 1, enfatizou sobre essa temática. A mesma trabalha em regime formal.

É muito desgastante trabalhar fora, e ainda cuidar da casa, filhos e marido. Eu trabalho porque preciso (Grupo 1, 30 anos).

A questão da violência doméstica também é assunto presente nessa pesquisa. Durante a entrevista uma das respondentes fez um relato da sua vida de casada, acerca dos maus tratos sofridos no seu casamento.

Sofro agressões desde que casei, há treze anos. Meu marido me batia quando casei, eu ficava calada, sofrendo sozinha. Quando comecei a trabalhar fora piorou, eu viajava e quando chegava me batia e me humilhava. Eu só queria o melhor pra mim e pros meus filhos. Atualmente deixei de trabalhar, continuo sofrendo agressões, não sei porque ainda suporto essa situação (Grupo 1, 39 anos).

A mulher em questão sofre agressões há muito tempo. Apesar das leis como a Lei Maria da Penha, já citada antes, que assegura a integridade da mulher, ela vive a violência em sua vida. Explica que, quando foi trabalhar fora tudo piorou indicando a não aceitação do marido no que diz respeito à mulher sair para trabalhar; apesar de

querer ajudar nas despesas essa situação não é bem aceita pelo companheiro. Relata ainda que não entende o motivo em aceitar essas agressões. Nota-se aqui a dificuldade dessa mulher em romper com a barreira do silêncio que a oprime, cooperando para o aumento do índice de maus tratos às mulheres⁴⁸.

Sabe-se que as mulheres conquistaram seu espaço no mercado de trabalho. No entanto, apesar da crescente inserção delas no mundo profissional, da sua contínua busca por capacitação e especialização, há ainda longos caminhos para percorrer no que diz respeito a gênero na cidade de São Bernardo-MA.

No entanto, discurso que afirma a naturalidade da discriminação está de tal forma internalizada, que é difícil à própria mulher romper com a imagem de desvalorização de si mesma por ela introjetada. Ela aceita como natural sua condição de subordinada. Vê-se, assim, através dos olhos masculinos, incorporando e retransmitindo a imagem de si mesma criada pela cultura que a discrimina (ALVES; PITANGUY, 2003, p. 56-57).

A memória das mulheres na conjuntura que está localizada a cidade de São Bernardo-MA, possui ainda muitas lutas para poder conquistar o direito de trabalhar dignamente. Às vezes por falta de oportunidade de emprego, às vezes por não ter sido oferecido meios para que isso ocorra, falta de recursos básicos que lhes permita essa ascensão. As mulheres tentam sobreviver contra a desigualdade social que se torna maior para as mulheres da localidade.

O resultado é que apenas quatro das trinta e cinco entrevistadas trabalham com carteira assinada. As outras trinta e uma mulheres sofrem com o desemprego e com a falta de condições para suprir a necessidade individual e da família. O Grupo 1 conta com quatorze mulheres que possuem o Ensino médio Completo; duas ainda estão cursando o ensino médio e apenas duas cursaram o nível superior. O Grupo 2 conta com quatro mulheres que possuem o Ensino médio Completo, onze cursaram até o Ensino Fundamental e duas são analfabetas.

Com relação à renda familiar, no Grupo 1, doze mulheres possuem renda familiar maior que um salário mínimo e seis possuem renda familiar menor que um salário mínimo. Já no grupo 2, onze mulheres possuem renda familiar maior que um salário mínimo e seis possuem renda familiar menor que um salário mínimo.

Para uma família que é composta por mais de quatro membros, o valor do salário mínimo torna-se insuficiente e inviável para que existam condições favoráveis à uma vida sem

⁴⁸ Segundo o Mapa da violência 2012, de 1980 a 2010, 91 mil mulheres foram assassinadas no Brasil, mais de 43 mil só na última década. As que têm entre 15 a 39 anos correm mais risco. E o local de maior perigo para elas é a própria casa.

privações das suas necessidades básicas. Vale ressaltar que o grupo de mulheres que recebem mensalmente mais de um salário mínimo, totalizando vinte e três mulheres, diz respeito à renda que não chega a dois salários. Essas famílias levam uma vida de sacrifício para manterem-se.

Salvatici (2002)⁴⁹ pesquisou mulheres por meio das fontes orais que foram documentadas; foca na perseguição específica sofrida por um grupo de mulheres durante a ocupação militar nazi-fascista da Itália. Sua pesquisa tem por tema *Memórias femininas de Guerra*. Nos relatos foi possível encontrar a mesma dinâmica descoberta com esta pesquisa em São Bernardo-MA. Relatos que mostram a condição da mulher, os abusos e violência que essas mulheres eram submetidas baseadas na condição de gênero.

A principal contribuição não é expor os testemunhos, tampouco mostrar como elas sofreram; a intenção é mostrar como mulheres e homens são percebidos numa dinâmica diferente, assim como a experiência humana tem sido balizada por divisões de gênero e tende a aumentar a desigualdade em relação às mulheres.

Em um dos relatos da mulher pesquisada por Salvatici (2000, p. 3) encontra-se a seguinte menção:

As pessoas não queriam nos ouvir [...] Como éramos mulheres, eles pensavam que o único lugar que poderíamos relembrar a nossa experiência era no lar [...].

Na passagem anterior a mulher percebe-se como um ser que não é ouvido e não aparece na história; reivindica o direito à memória. A intenção desse trabalho é legitimar a história de vida dessas mulheres através do testemunho individual.

Salvatici percebe que as entrevistas feitas por Portelli⁵⁰ explicam as motivações políticas, descrevem a organização a que pertencem e enfatizam sua habilidade militar. Deste modo a pesquisa permitiu uma imagem da mulher na guerra fragmentada e articulada, se comparada ao discurso público que se tem sobre elas, de forma tal que a reivindicação da universalidade tornou-se um desafio a ser superado. É possível entender que não existe uma única história; existe sim história de sujeitos diferentes, como a contada individualmente.

A autora nomeia de “voz das mulheres”, pluralizando os objetos, visto que cada mulher tem uma experiência de vida diferente uma da outra. Pode ser o mesmo tempo histórico, mas

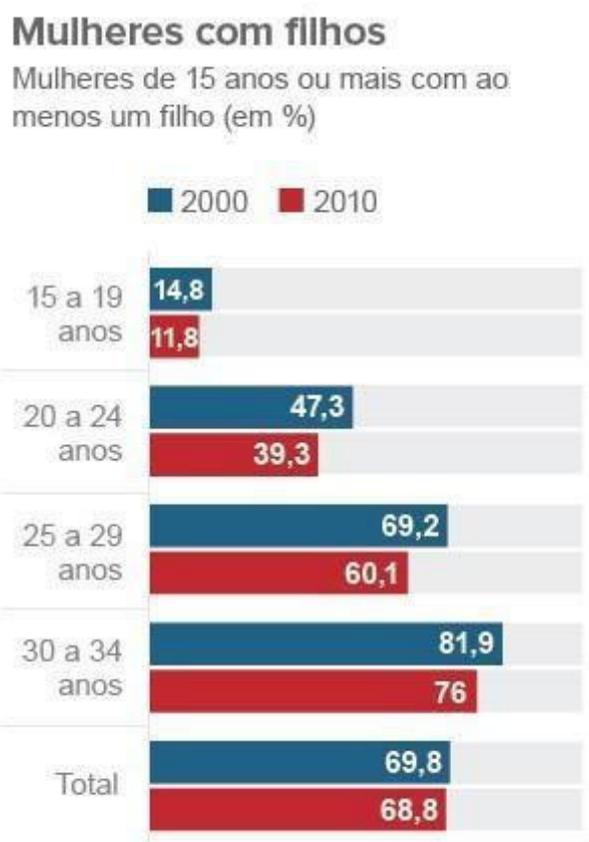
⁴⁹ Professora e pesquisadora da Universidade de Terano, consultora da agência intergovernamental Internacional Organization, responsável pela criação do Arquivo *da Memória de Experiência de Guerra do Kosovo (19992000)*

⁵⁰ Autor que aplicou as entrevistas nas mulheres durante a guerra, a qual ela pesquisou.

a história varia; essa questão deve receber atenção maior; a história oral permite fazer conhecidas essas histórias. Pesquisas orais mostram a necessidade de um discurso público que comporte a narrativa de diferentes sujeitos sociais, no qual a memória de todos possa ser reconhecida (SALVATACI, 2000).

Em contrapartida os dados de gênero divulgados em 31 de outubro de 2014, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE mostra que as brasileiras estão tendo filhos mais tarde e se tornando chefes de família em mais domicílios do país. A análise engloba uma década e compara dados dos censos de 2000 e 2010. Nesse período, a proporção de brasileiras com ao menos um filho diminuiu em todas as faixas etárias mais jovens (Gráfico 1). Esse seria um dos reflexos do aumento da escolarização delas, que passaram a postergar a maternidade para continuar os estudos.

Gráfico 1 - Comparativo entre os anos de 2000 e 2010, sobre mulheres com ao menos 1 filho, a partir dos quinze anos de idade.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010

De acordo com o gráfico 1, a mulher está percebendo seu papel de forma diferente, chegando a lutar por condições de vida melhores, refletindo na inserção do mercado de trabalho

e diminuição da quantidade de filhos na atualidade, mostrado tanto na pesquisa do IBGE, quanto nas entrevistas realizadas em São Bernardo-MA.

A história oral das mulheres contribui para destacar a interconexão entre a construção de papéis sociais e os direitos de cidadania nas narrativas coletadas (SALVATICI, 2002, p. 36). Em comparação com a cidade de São Bernardo percebe-se que é uma realidade distante, e que não há políticas públicas que possibilite a inserção das mulheres no mundo do trabalho; empregos com os direitos trabalhistas assegurados e, sobretudo, educação de qualidade. Ocorre que a cidade não dispõe de políticas voltadas para homens e mulheres, refletindo na desigualdade de gênero.

Com efeito, no Grupo 1, existem treze mulheres que possuem apenas um filho, uma mulher possui dois filhos, duas mulheres possuem três filhos, uma mulher possui quatro filhos e uma mulher não possui nenhum filho. De acordo com o Grupo 2 constatou-se que duas mulheres possui um filho, quatro mulheres possuem dois filhos, cinco mulheres possuem três filhos, três mulheres possuem quatro filhos, uma mulher possui sete filhos, uma mulher possui dez filhos e uma mulher possui onze filhos.

Esses números são consequências das faixas etárias dos dois grupos. Como no Grupo 1 estão inseridas mulheres com idade menor que trinta e nove anos, ou seja, são mulheres frutos dos tempos mais modernos, percebe-se que houve aqui um melhor acompanhamento do controle de natalidade. Já as integrantes do Grupo 2 não tiveram os esclarecimentos necessários sobre o controle de natalidade, obviamente o número de filhos percebidos aqui é bem maior que as mulheres que pertencem ao grupo 1. Conclui-se, dessa forma, que a realidade que diz respeito ao menor número de filhos para as mulheres com idade inferior a trinta e nove anos pode ser aplicada a situação atual de São Bernardo. O que não se aplica é o crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho, segundo a pesquisa feita com as mulheres local.

Margarida Alves⁵¹ trabalhadora rural e líder sindical, destacou-se na luta por direitos e pela conquista de novos direitos. Sua obra é uma seleção de vários artigos, é claro que há diversidade de temas, linhas teóricas, áreas de conhecimento, situações analisadas assim como de universidades que participaram, mostram de um lado, a importância dada ao assunto mulher trabalhadora rural. Além do mais, oferece uma visão e reflexão sobre os elementos que compõem a dinâmica recente das lutas sociais das mulheres rurais.

⁵¹ Margaridas Maria Alves (Alagoa Grande, 5 de agosto de 1933 — Alagoa Grande, 12 de agosto de 1983) foi uma sindicalista e defensora dos direitos humanos brasileira. Durante o período em que esteve à frente do sindicato local de sua cidade, foi responsável por mais de cem ações trabalhistas na justiça do trabalho regional, tendo sido a primeira mulher a lutar pelos direitos trabalhistas no estado da Paraíba durante a ditadura militar.

Em comparação com este trabalho, a obra da referida autora investiga as relações e dificuldades das mulheres em alcançar o direito de reconhecimento de trabalhadora rural na busca de um sonho.

Durante a entrevista uma das entrevistadas fez a seguinte observação:

Sonho em um dia poder me formar e ter uma profissão, isso é muito importante (Grupo 1, 23 anos).

A mulher entrevistada entende que necessita estudar para adquirir um melhor emprego. Já uma das mulheres que compõe o Grupo 2 afirma que:

Trabalhar e estudar nunca passou pela minha cabeça; dos meus 17 filhos, apenas os três últimos foram para escola (Grupo 2, 86 anos).

Nota-se que a mulher de vinte e três anos, pertencente ao grupo um, teve uma melhor percepção com relação às mudanças ocorridas, o que leva a mesma a optar por uma vida melhor para si. Para a mulher de oitenta e seis anos, pertencente ao grupo 2, não seria possível àquela época (década de 1930) em virtude das mudanças sociais com relação aos direitos da mulher ainda não ter ocorrido.

As questões referentes a ter ou não filhos e casar-se ou não, foram abordadas na presente pesquisa. Quando perguntadas sobre essas situações, onze mulheres do Grupo 1 afirmaram que é direito de cada um decidir o que quer para vida. As outras seis mulheres afirmaram não concordar que as mulheres precisam casar e ter uma família.

Com relação às mulheres do Grupo 2, quatro delas explanaram que é preciso respeitar a opinião das pessoas sobre essas questões. Já para quatorze acham que seja necessário que a mulher constitua família. Essas afirmações podem ser comprovadas nas seguintes falas:

Essa mulher não tá certa, Deus mandou crescer e multiplicar. Tem que ter filho pra cuidar na velhice (Grupo 2, 72 anos).

Como se pode notar, o pensamento da mulher de setenta e dois anos mostra-se ser muito retrogrado. Certamente ela não deve ter sido educada para uma vida diferenciada da que viveu. A mesma ainda complementou:

Se uma mulher tem um filho e separa do marido ela é uma mulher sem valor (Grupo 2, 72 anos).

Percebe-se aqui uma mentalidade preconceituosa com relação à mulher que opta pela separação conjugal, principalmente as que têm filhos. Com esse pensamento a mesma deixa transparecer sobre o regime e as condições em que a mesma foi educada.

Ainda sobre a opção de assumirem ou não um casamento ou de ter ou não ter filhos, uma das entrevistadas do grupo 1 opinou que:

São mulheres que querem ter estabilidade financeira, ganhando seu espaço na sociedade, sem precisar casar e ter filhos, sendo felizes com sua profissão (Grupo 1, 28 anos).

Diferentemente da mulher de setenta e dois anos, a mulher de vinte e oito anos consegue perceber que uma mulher pode, por si só, decidir se quer ou não casar-se e ter ou não filhos. Na opinião da mesma a mulher dever escolher se quer ter sua independência financeira ou optar por casar-se e constituir uma família.

De acordo com os dados obtidos durante a pesquisa, a desigualdade atinge mulheres de faixa etária e grau de instrução diversos. Observa-se que a sociedade em questão está pautada num modelo de sociedade que privilegia a figura masculina; a mulher está destinada ao privado, vivendo em condições difíceis, sendo reféns do próprio destino. A questão da mulher enquanto independente está intrinsecamente ligada à falta de escolaridade, baixa renda, falta de orientação sobre o casamento. Estes são elementos sociais que provavelmente desencadeiam a situação de violência e desigualdade, visto que, em nossa sociedade o sustento do lar foi designado ao homem. No trabalho são exploradas, expostas às piores condições de serviços e a remuneração é vergonhosa. Na família também desempenham um papel de mãe, mulher e ajudam nas despesas.

O grande desafio das mulheres de São Bernardo-MA é tentar reverter o quadro da desigualdade entre homens e mulheres e ainda rever formas de moldar suas necessidades conforme a sociedade oferece, visto que não há políticas públicas voltadas para sua participação democrática na sociedade. A aplicação de políticas públicas nesse sentido será possível com o reconhecimento da necessidade, na qual a conquista da mulher não seja mais notícia de uma grande vitória, mas, sim, um cotidiano de cidadãs, incorporado às relações do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa assumiu como objetivo central refletir sobre a mulher no século XXI, sua identidade, papéis sociais e emoções. As diversas mudanças promovidas ao longo da década de 1920 e 1980 passaram a delinear uma postura diferente da mulher diante da sociedade.

Para tanto, procurou-se analisar em que patamar encontra-se essa mudança externada pela mídia, quando refere-se às conquistas de direitos igualitários da mulher, frente aos homens, ao longo das décadas e se essas conquistas são notórias no cotidiano das mesmas, e, mais especificamente entre as mulheres entrevistadas que residem na zona rural e urbana do município de São Bernardo-MA. Faz-se necessário entender essa dinâmica, no intuito de compreender como se deu a construção de identidade da mulher na atualidade, com base na fala dos sujeitos pesquisados.

A análise qualitativa de nossa pesquisa aponta que a identidade de gênero das mulheres de São Bernardo-MA é construída através do discurso afirmado por elas. Mediante o presente trabalho de conclusão de curso pretende-se fornecer alguma contribuição às alternativas que possam contribuir para o enfrentamento das desigualdades de gênero, tanto de homens quanto de mulheres.

Dessa forma, os aspectos sociais e as vivências das mulheres entrevistadas, por serem elementos considerados relevantes, e por se manifestarem no cotidiano e nas relações sociais, necessitam de um olhar mais democrático, no sentido de estimular novas possibilidades de atuação profissional, bem como a criação de políticas públicas voltadas para o enfrentamento da desigualdade de gênero. É nas classes mais baixas que se encontra a desigualdade de gênero, e estão inseridas no trabalho informal como observa (MENDES, 2002).

As narrativas e perspectivas alcançadas por meio das experiências femininas, na cidade de São Bernardo-MA, contribuem para a afirmação de contradições no que diz respeito à identidade da mulher, ampliando e diversificando as fronteiras históricas, permitindo a abertura de conhecimento de histórias individuais e coletivas. A história oral das mulheres requer urgência do processo de democratização da memória, que é a condição básica para as democracias contemporâneas (SALVATICI, 2002, p. 36). Deste modo, através das experiências relatadas, faz-se necessário haver uma cooperação, no sentido de conhecer-se as vivências cotidianas dos diferentes sujeitos sociais, para que a memória de todos possa ser reconhecida.

Ao longo da história, a mulher sempre procurou conseguir o seu espaço em qualquer

segmento da sociedade, por ser de fundamental importância para a sua vida. A pretensão é incentivar para que as mulheres do presente, em plena era moderna, não fiquem estáticas, pois mesmo havendo um processo de modernidade, ainda se tem muito que caminhar politicamente, visando alcançar a plena cidadania. Mesmo com esses percalços em seus trabalhos ou atividades, elas ainda são subestimadas com rendas inferiores ao homem. Muitos ainda não lhes atribuem a emancipação, com políticas competitivas de gênero, ignorando o que lhe é de direito ditado na Carta Magna, ou seja: Todos são iguais perante a lei.

Sabe-se, que essa desigualdade sempre existiu; nos dias atuais de forma menos agressiva diante de tantas reivindicações buscadas por parte mulheres militantes da causa. Tal opressão histórica reflete até os nossos dias gerando nas mulheres posturas apáticas, muitas vezes diante do poderio masculino, uma pane psicológica caracterizando e afirmando uma violência de insegurança tão presente em nossa sociedade.

Os índices apontam que a criminalidade e a violência contra as mulheres têm aumentado vertiginosamente, reflexo de uma educação herdada. Na cidade de São Bernardo, especificamente, é notória a falta de políticas públicas que busque gerar empregos para homens e mulheres, visando uma forma igualitária de oportunidades laborais, minimizando, dessa forma, o impacto social causado pela discriminação da mulher, principalmente no campo empregatício.

É de extrema relevância que não haja mais esse diferencial de gênero, mas sim um esforço conjunto para que se promova uma política pública que vise o bem estar social, onde todos os seres pensantes que lutam e produzem, busquem seu objetivo e seu espaço para que possa conseguir avanços com igualdade de direitos.

Para tanto, é preciso um pensar sob novas perspectivas de melhorias futuras, de realização seja ela: econômica, política ou social. Através da pesquisa foi possível analisar que a mulher Bernardense ainda está presa ao espaço privado, e quando desempenha algum tipo de atividade, que elas nomeiam como trabalho, tem sido submetida às péssimas condições de trabalho.

A mentalidade tradicional da mulher da década de 1920, em alguns momentos, cruza com a mentalidade da mulher do século XXI em São Bernardo-MA, mostrando que as modificações ainda não foram efetivadas entre elas. No cenário nacional, segundo os dados de Gênero do IBGE, há presença do crescimento e participação da mulher no mercado de trabalho, bem como a diminuição de filhos por mulher, fator esse constatado principalmente nos grandes centros urbanos, em relação às mulheres que já conseguiram essa inserção, não só no mercado de trabalho, mas na sociedade. A mulher independente tem probabilidade maior em ser dona

de suas próprias escolhas, deixando de lado o papel que a sociedade entende como dela: o privado, como salienta (SAMARA, 2004).

Este trabalho se encerra privilegiando uma questão que se situa no âmbito do desejo feminino, isto é: o que aspiram as mulheres do século XXI que, ao se depararem com possibilidades que se descortinam para elas, a partir dos desenvolvimentos político, social e econômico das sociedades, trazem nos seus discursos as mais contraditórias exigências nos seus papéis de esposa, mãe, dona de casa, trabalhadora, dentro e fora do lar, numa sociedade que ainda é reconhecidamente patriarcal.

Esses questionamentos não têm a pretensão de respostas imediatas e nem conclusivas. Espera-se que a pesquisa ora realizada, em torno das questões femininas, possa contribuir para levantamentos posteriores que possibilitem estudos mais aprofundados acerca do tema proposto e enfrentamento de gênero no município de São Bernardo.

O presente trabalho de conclusão de curso pretende fundamenta-se também por fornecer subsídios que possam contribuir para a elucidação de questões sociais pertinentes à posição da mulher como participante da sociedade moderna, na qual está inserida. Também pauta-se em relevar aspectos sociais entre homens e mulheres, bem como estimular possibilidades de atuação nos campos profissionais e educacionais.

Em suma, a emancipação de fato ainda não chegou no cotidiano das mulheres de São Bernardo-MA. As entrevistadas, em sua maioria, pensam e vivem como as mulheres da década de 1980: de forma tradicional, acreditando que a mulher hoje é independente, porém não puderam desfrutar da tal independência. O avanço das políticas públicas é fundamental na promoção da justiça social e da melhoria da qualidade de vida das pessoas, sob um prisma voltado para a coletividade. Nesse contexto se inscreve a história de lutas e conquistas das mulheres em meio a uma sociedade ainda com forte traço patriarcal, excludente e discriminatória.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, E. S. **Ana de Castro Osório: feminismo e a educação da mulher como dote simbólico.** Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=227&impressao>. Acesso em: 05 de out. de 2014.
- ALVES, B.; PITANGUY, J. **O que é feminismo.** Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- ARAÚJO, J. P. **A história vista de baixo.** Resumo. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-historia-vista-de-baixo/103228/#ixzz3F6iKl42t>>. Acesso em: 08 de nov. 2014.
- Aumenta desigualdade de homens e mulheres no mercado formal de trabalho, aponta IBGE.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/aumenta-desigualdade-entrehttp://oglobo.globo.com/sociedade/aumenta-desigualdade-entre-homens-mulheres-no-mercado-formal-de-trabalho-aponta-ibge-14414312-ixzz3IVM6zj3Yhomens-mulheres-no-mercado-formal-de-trabalho-aponta-ibge-14414312#ixzz3IVM6zj3Y>>. Acesso em: 05 de maio de 2014
- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/863.pdf>. Acesso em 05 de set. de 2014.
- WOORTMANN, E.; MENACHE, R; HEREDIA. B. (orgs). Brasília. **Margarida Alves Coletânea sobre estudos rurais de gênero.** MDA, IICA, 2006.
- ALVES, B. M.; PITANGUI, J. **O que é feminismo.** São Paulo: Brasiliense, 2003.
- AMADO, J; FERREIRA, M. **Usos e abusos da história oral.** 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. **Nova Enciclopédia de Biografias.** Rio de Janeiro: Planalto Editorial, 1979.
- BURKE, P. **O que é história cultural?** Sérgio Goes de Paula (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- CARNEIRO, S. **Identidade Feminina.** In: SAFFIOTI, H. I.B; MUNOZ, V. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAYigAL/identidade-feminina>>. Acesso em 10 de jan. de 2014.
- FONSECA, C. Mulher, Mãe e Pobre. In: PRIORE, M. (org). **História das Mulheres no Brasil,** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FONSECA, R. M. G. S. **Mulher e Cidadania na Nova Ordem Social.** Núcleo de Estudos da

Mulher e Relações Sociais de Gênero. São Paulo: (NEMGE/USP), 1996.

GONZÁLES, A. I. A. **As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

KOLONTAI, A. **A mulher e a nova moral sexual**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Bernardo Leitão, et al. (trad.) 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LOBO, E. S. **A classe operária tem dois sexos**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LOURO, G. L. Nas Redes do Conceito de Gênero. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (orgs). **Gênero e Saúde**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1996.

MATOS, M. I. S. de. Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas. **Margem**, n. 15, São Paulo, junho 2002. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/margem/pdf/m15mim.pdf>>. Acesso em: 12 de fev. 2014.

MENDES, M. **Mulheres chefes de família: a complexidade e a ambiguidade da questão**. 2002. Disponível em:

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_Gen_ST38_mendes_texto.pdf>.

Acesso em: 12 de out. 2014.

MONTALI, L. **Trabalho e Família sob a Reestruturação Produtiva**. Caxambu: ABEP - Associação Brasileira de Estudos Populacionais, X Encontro, 1998.

OSÓRIO, A. de C. **Às Mulheres Portuguesas**. Lisboa: Viúva Tavares Cardoso, 1905. Disponível em: <<http://purl.pt/13902>>. Acesso em: 30 de mar. de 2014.

PERROT, M. **Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. Denise Bottmann (Trad.). 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 8, n. 18, ago/set.1989.

PRIORE, M. (org.). Magia e medicina na colônia. In: _____ **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

Relativismo e a filosofia. Mundo e vestibular. Disponível em: <<http://www.mundovestibular.com.br/articles/9268/1/O-Relativismo-e-a-Filosofia/Paacutegina1.html>>. Acesso em: 07 de nov. de 2014.

RODRIGUES. V. L. **A importância da mulher**. 2000. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>>. Acesso em: 01 de jan. 2014.

SALVATACI, S. **Memórias de Gênero: Reflexões sobre a história oral das mulheres**. 2000.

SAMARA, E. de M. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. Tendências atuais da história da família no Brasil. In: **Pensamento a família no Brasil da modernidade a colônia**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987.

SOIHET, R. Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas. In: MATOS, M. I. **Gênero em Debate**: trajetórias e perspectivas da historiografia contemporânea. São Paulo: PUC, 1997.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. São Paulo: Educação e Realidade. v. 16 (2), 1990.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução das teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVEIRA, E. da S. **História Oral e memória**: pensando um perfil de historiador etnográfico. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/835/592>>. Acesso em: 11 de out. de 2014.

SORJ, B. O Feminismo na Encruzilhada da Modernidade e Pós-modernidade. In: COSTA, A. O; BRUSCHINI, C. (orgs.). **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

APÉNDICE

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Idade: _____

Escolaridade: _____

Estado civil

() solteira () casada () divorciada () viúva () união estável

Possui filhos? () sim () não Quantidade: _____

() Zona urbana () Zona rural Quantidade

de moradores da casa: _____ Renda familiar:

() 1 salário mínimo

() até 3 salários

() 4 a 6 salários

Possui emprego? () sim () não

Dificuldades encontradas para trabalhar?

Quantas pessoas que moram na casa trabalham?

1. Qual o papel do homem e da mulher na família?
2. Recebeu ou deu orientações em relação ao casamento e à vida familiar?
() Recebeu Quais foram?
() Deu Quais foram?
3. O que é mais importante: () casar e ter filhos ou () trabalhar e ter estabilidade financeira?
4. Foi educada para ser independente financeiramente? () sim ou () não
5. Como você vê o papel da mulher hoje na família e na sociedade?
6. Elencar algumas diferenças no papel da mulher na família e na sociedade ao longo de sua experiência de vida.
7. Como você vê a mulher que não assume o papel social definido para ela dentro da família?
8. Em relação às mulheres que são chefes de família, qual sua opinião?
9. Qual sua opinião sobre mulheres que decidem não ter filhos ou que não se casam?
10. Qual sua visão sobre mulheres que têm filhos fora do casamento?